

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CLEONILSON DOS REIS RIBEIRO

ENTRE O MITO E A RELIGIÃO: uma análise comparativa das literaturas judaica e grega acerca das noções de Hybris, Moira, Pecado e Destino.

SÃO LUÍS – MA

2023

CLEONILSON DOS REIS RIBEIRO

ENTRE O MITO E A RELIGIÃO: uma análise comparativa das literaturas judaica e grega acerca das noções de Hybris, Moira, Pecado e Destino.

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em História.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira

SÃO LUÍS – MA

2023

Ribeiro, Cleonilson dos Reis.

Entre o mito e a religião: uma análise comparativa das literaturas judaica e grega acerca das noções de Hybris, Moíra, Pecado e Destino/ Cleonilson dos Reis Ribeiro. – São Luís, 2023.

72 f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira.

1. Antiguidade clássica. 2. Literatura grega. 3. Tragédias gregas. 4. Literatura judaica. 5. Mitologias. I. Título.

CDU 821.14:821(33)

CLEONILSON DOS REIS RIBEIRO

ENTRE O MITO E A RELIGIÃO: uma análise comparativa das literaturas judaica e grega acerca das noções de Hybris, Moira, Pecado e Destino

Monografia apresentada junto ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA para obtenção do grau de Licenciatura em História

Aprovada: 13/07/2023

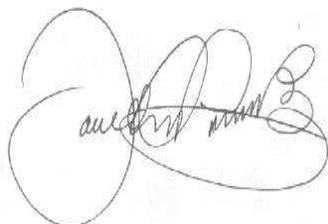
BANCA EXAMINADORA

Ana Livia B. Vieira

Prof.(a). Dra. Ana Livia Bomfim Vieira (Orientadora)

Doutora em História Social

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho

Doutor em História

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Marcos Vinicius de Freitas Reis

Prof. Dr. Marcos Vinicius de Freitas Reis

Doutor em Sociologia

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Ao deus Dioniso, por inspirar o surgimento do teatro e assim fazer com que essa arte se perpetue no tempo e na história.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as bênçãos alcançadas e pela força com que chegamos até o presente momento, onde concluo a primeira parte da minha jornada acadêmica. Também agradeço a minha mãe santíssima, a Virgem Maria, Senhora da Vitória, a São José, meu padrinho na caminhada cristã, e a São Luís, rei de França pela intercessão nos momentos em que eu estava angustiado.

A Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), a Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) pelo fomento à pesquisa em que se resultou essa monografia e a professora Ana Livia Bonfim Vieira, minha orientadora que desde o segundo período deste curso me acompanha e orienta nessa caminhada acadêmica.

A minha família, em especial minha mãe Deusa Ribeiro, meus avôs Izabel Ribeiro e Manoel Ribeiro pela força, carinho e conselho e a todos os meus familiares. Ao meu amigo e irmão João Gabriel Lobato, pelas alegrias, conselhos e pelas boas risadas ao longo do curso. Aos meus amigos de caminhada cristã e de vida: Marcelo Silva, Nilsson Oliveira, Karen Amaral, Pablo Christian, Rennan Santos, Mao Tsé Tung, Pedro Gabriel, Sólon Lira, Flavio Trindade, Shirley de Cássia, Arthur Santos, Rosangela Carvalho, Wilson Carvalho, Ediene Carvalho, João Batista e Roney Carvalho.

Gostaria de agradecer especialmente aos meus amigos que conheci e convivi nesses anos de faculdade: Carlos Henrique Botelho Albuquerque Uchôa, Renato Cruz Reis, e João Pedro Nunes, pelo carinho e auxílio nos momentos de alegria e tristeza, mas acima de tudo pelo respeito. Meus caros vocês foram de suma importância nessa caminhada. Aos meus amigos que me encantei nesta Universidade: Larissa Serejo, Maria Eduarda Gaspar, Carlos Augusto Barros, Isabela Cardoso e Gabriel Reis. A minha grande amiga, ouvinte e conselheira Lauisa Sousa Barros, pela paciência que teve comigo enquanto estudante e freqüentador da biblioteca, a Rosiene dos Santos, que nas tardes me auxiliou nessa monografia e ao Cálío Linard, estagiário de biblioteconomia da UFMA.

Aos funcionários do curso de História: secretárias, limpeza, biblioteca e portaria. Aos meus professores pelos ensinamentos recebidos. A professora Sandra Regina, pela orientação na Residência Pedagógica, esta que foi meu último programa como aluno do curso. Enfim, a todos que de alguma maneira, contribuíram direta e indiretamente para a conclusão deste curso. Saibam que todos estão guardados no meu coração e nas minhas orações.

*“Arte afortunada é a tragédia, em tudo!
Para começar, o enredo é conhecido dos
espectadores antes mesmo de se abrir a
boca, de modo que ao poeta basta
apenas recordar.”*

Antífanos

RESUMO

A presente monografia tem como foco principal o estudo e a análise das noções de Hybris e Moíra, que moldaram as histórias trágicas gregas, bem como as noções judaicas de Pecado e Destino presentes nas escrituras sobre a história do povo hebreu. As tragédias gregas enquanto fontes documentais sobreviventes ao tempo se tornaram um dos principais meios históricos sobre o estudo da antiguidade clássica, bem como as histórias mitológicas judaicas contidas na Bíblia e que ainda hoje são estudadas. Partindo dessas fontes, objetivamos compreender e comparar os textos das tragédias e as passagens das escrituras, buscando observar as diferenças e comparações entre elas. Por meio da leitura identificamos os paralelos que ligam essas noções de modo a tecer uma rede literária entre elas, fazendo com que assim possamos contribuir para a compreensão das mitologias como mosaicos culturais, resultadas das mais diversas formas de organização e interação social e religiosa.

Palavras-chave: herói; pecador; tragédias; hybris; moíra; pecado; destino.

ABSTRACT

The present monograph has a principal focus the study and the analysis of the notions of Hybris and Moira, which molded the tragedy Greek histories, as well the Jewish notions of Sin and Fate that are present on the scriptures about the Hebrew people history. The Greek tragedies as a documental sources time survivor became one of the major historic ways about the study of classic antiquity, as well as Jewish mythological histories contained on Bible that are still studied in nowadays. From these sources, we aim comprehend and compare the tragedies texts and the scriptures passage, looking for observe the differences and comparisons between those. Through reading it was identified the parallels that connect these notions in way that can make a literary network among those, turning possible to contribute for the mythologies as cultural mosaics, resulted from the diverse forms of organization and social and religious interaction.

Keywords: hero; sinner; tragedies; hybris; moira; sin; fate.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	AS FIGURAS DO AEDOS E DO YASHAR	16
2.1	A presença da religião nas figuras do herói e do pecador.	18
2.2	A mitologia faz parte da literatura?.....	24
2.3	As estruturas sociais.....	26
3	AS TRAGÉDIAS.....	30
3.1	A Trilogia Tebana.....	32
3.2	Hipólito e o conflito com a deusa Cípride.....	40
3.3	Electra e sua sucessão de miasmas.....	46
4	AS NOÇÕES E SUAS COMPARAÇÕES.....	53
4.1	As noções judaicas.	54
4.2	As noções gregas	59
4.3	Mitos, Moros e Deus.	62
4.4	Mitologia e as noções.	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar sobre a antiguidade grega, poucos são os registros escritos que chegaram até os dias atuais. As peças gregas se tornaram importantes registros ao longo dos séculos com traduções e adaptações para as mais diversas línguas do mundo. Poucas foram às pesquisas realizadas para tentar traçar as origens do teatro grego, que assim como cada aspecto da cultura e religiosidade homenageava uma divindade, neste caso era o deus Dioniso, deus do vinho, do prazer, das festas, filho de Zeus, morador do Olimpo, e o mais jovem dos deuses gregos. Mesmo sendo estrangeiro, Dioniso¹ era altamente adorado, com grandes festas e festivais em sua honra, com destaque para as Grandes Dionisiacas, um grande festival que movimentava a cidade e o campo, em dias de festas com procissões, banquetes, apresentações e concursos teatrais, marcado como as gênesis do gênero teatral.

A tragédia grega desde o seu início tem na religiosidade e culto aos deuses, os seus temas principais. São histórias de deuses e homens, mortais e imortais, criaturas míticas, mundo superior e inferior etc. Como coloca Eliade no livro *O sagrado e o Profano*, que o mundo inferior, ou seja, o nosso mundo é um lugar visitado pelos deuses, onde eles se fazem pertos dos homens, se relacionam com eles e está em constante comunicação com o mundo deles (ELIADE 1999, p 24). Os festivais em honra a Dioniso eram cheios de símbolos que remetiam a passagens da vida do deus e seus ensinamentos aqui na terra. Um desses símbolos era a apresentação do mito em que ele ensina aos homens o cultivo da uva, a fabricação do vinho e que tinha já os primeiros vestígios do que mais tarde viria a ser o teatro.

Ao se referir ao teatro, Aristóteles definia a tragédia como uma imitação de uma ação, que deveria causar aos gregos a repulsa a certos sentimentos. A tragédia grega, não está relacionada a algo feito pelo personagem, mais a consequência que aquilo irá deixar na sociedade, pois as ações do herói trágico podem trazer felicidade ou desgraça. O gênero trágico nasceu em um período de mudanças sociais da pólis grega, e com essas mudanças molda-se a maneira em que a sociedade vai progredindo ou regressando. Com isso, surge em seu interior preocupações com a representação do modo de viver social entre elas a presença da Hýbris e da Moira, duas noções que marcaram presença nas grandes tragédias em especial de Ésquilo, de Sófocles e Eurípides dados pelo reconhecimento de seu tempo e nos dias atuais

¹Dioniso era um deus estrangeiro, proveniente da Trácia, uma antiga região macedônica que atualmente é dividida entre a Grécia, a Bulgária e Turquia, ou da Frígia, região que hoje pertence a Turquia.

com grandes obras como Trilogia Tebana com o seu personagem principal Édipo, Hipólito e Electra, que são obras clássicas da literatura grega que ainda hoje são representadas nos teatros, lidas e apreciadas por várias gerações. A Hýbris e a Moira, enquanto preocupações do modo de vida social da pólis grega fazem-se presentes quase que obrigatoriamente nas tragédias, pois são noções sérias que são levadas em consideração nos textos clássicos.

Ao tratar sobre as tragédias alguns pontos em especial merecem atenção: o enredo, sua composição e as emoções causadas por ele. O dever por assim dizer da tragédia era despertar no espectador sentimentos de repulsa à prática de transgressão aos deuses, uma forma de evitar que suas Moiras fossem cruéis, além de também colocar que ninguém está livre do destino e que nem mesmo os deuses estão superiores a ele que tudo rege. Fabio Candido dos Santos coloca que o enredo passa pela peripécia², que em contato com a Hybris age como ponto de choque na vida do herói, sua sorte é mudada e o que antes era uma causa divina pode se tornar um destino cruel (SANTOS 2019). A catástrofe da mudança da sorte do herói passa pelo erro ou a Harmatia³ que hora é fruto de suas ações, hora fruto das vontades dos deuses resultando assim na Hýbris, contudo nem sempre tal enredo tem a causa perdida podendo ocorrer a purificação após o sofrimento.

Com a Hýbris, o enredo das tragédias gregas ganha mais emoção aos olhos do espectador. O conceito de Hýbris é de desmedida, falta cometida contra a divindade, e aos olhos dos gregos resultaria nas desgraças. A Hýbris então cumpre o papel de dar sofrimento ao herói, mas também depende do mesmo, podendo-o levar a uma purificação chegando até mesmo a um estado semidivino. O homem então segue sua missão de cumprir as ordens do destino, mas antes do mesmo realizar sua missão, ele provoca a desmedida na tentativa de fugir, mas que o leva ao caminho direto à sua Moira.

O destino é agente final que hora é pacificador resultando em um caminho de paz e alegria ao herói, mas que também é implacável convergindo ao herói uma morte terrível e dolorosa resultando em um final melancólico e triste. Vista a partir do ponto de vista filosófico, a Hýbris seria um desrespeito à natureza humana, seria então uma forma do homem destruir a si próprio aos deuses através de suas escolhas. Para Aristóteles segundo Santos, a Hybris seria uma ameaça grave a natureza racional humana, pois ele deixaria de usar em razão em busca dos prazeres pessoais. Heráclito, conclui Santos, segue o mesmo pensamento de Aristóteles de que a desmedida é uma insolência, e que a Hybris deveria ser

² Ação contrária a esperada pelo personagem trágico. Deve ocorrer de forma natural e coerente com o enredo, de modo a não ser feita de forma forçada.

³ Erro ou falha.

apagada da natureza do homem, pois os erros que a induz destroem e corroem os pensamentos (SANTOS, 2019)

A tragédia então mostra a finitude do homem centrado na Harmatia, na Hýbris e na Moíra. Na Harmatia, o herói se nega a todo instante a cometer de modo a evitar que a desgraça caia sobre sua casa e sobre sua cidade, mas se ver diante da necessidade que se deve ao fato de que sua vida está atrelada a uma profecia, muitas vezes revelada no começo da história para o próprio protagonista e aos seus familiares, mas também revelado ao público pelos deuses, contudo um fato dos oráculos é que eles não revelam a profecia como um todo.

Na Harmatia o herói comete a Hýbris ora sabendo, hora não sabendo e enfrenta as suas consequências que poderiam ser evitadas se fossem pensadas previamente. As tragédias deveriam através de suas narrativas causarem o efeito trágico, que segundo Piqué, para Aristóteles era possível apenas as lendo e as compreendendo (PIQUE, 1998). Esse efeito trágico seria o autorreconhecimento nos personagens e assim, os sentimentos de repulsa sugeriram. O herói clama assim diante da sua Hýbris por Eusebéia⁴ e que provém dos deuses. A Hýbris não somente uma causa religiosa e trágica passa também pela causa psicológica ao representar aos olhos dos gregos uma deformação psíquica imperdoável, desgraça não somente para si, mas para todos os que convivem com ele. Seria assim o contrário da Areté que seria a virtude heroica, a perfeição e a moral. Seria assim um Miasma, um desvio da normalidade e que deveria ser combatido.

Em comparação a noção grega o Pecado surge na doutrina judaica como uma ofensa ao divino, um erro, um evento que leva ao distanciamento de Deus. No judaísmo o próprio deus Yahweh, assume o papel do destino de seu realizador e condutor ao fim dos tempos, onde segundo as profecias o enviado que recebe o nome de Messias conduzirá o povo ao Reino de Deus. Nas sagradas escrituras o Pecado aparece como um agente divisor em que o homem ao cometê-lo, se afasta de Deus ao ponto de criar repulsa aos desígnios divinos.

Enquanto nas tragédias os deuses se manifestam sem o auxílio dos homens, ou por meio de mulheres nos oráculos, nas histórias judaicas contidas nas sagradas escrituras, Deus sempre usa de homens para manifestar a sua vontade. Enquanto se tem uma imagem de Zeus e dos deuses do Olimpo, do deus judaico se tem apenas a menção de sua presença, de sua voz, e de suas vontades, com relação ao uso de imagens, ou objetos há apenas a arca da aliança.

Os mitos gregos e as sagradas escrituras levam em consideração a interação cultural dos povos da antiguidade. Ao historiador da antiguidade, segundo Rossi cabe o olhar crítico

⁴ Piedade. A noção de piedade está atrelada aos deuses, de modo que provém dos seus desejos de punir ou não os humanos.

sobre essas narrativas extraindo das mesmas informações preciosas para execução do trabalho, as tragédias assim como as escrituras são hoje fontes de pesquisas que devem ser analisadas com cuidado para se extrair as informações com precisão. Rossi aponta para as necessidades de usar os mitos contidos nas tragédias como fonte documental para a história, como forma de auxiliar no entendimento das idades históricas que nos mitos se passam na chamada idade dos heróis (ROSSI, 2007). Vernant elenca que o mito não deve ser somente estudado como fábula literária, mas deve-se entender como o conjunto de grandes forças, que em comum dominam o mundo (VERNANT, 2009, p.26). O mito é uma narrativa que pode ou não ser verdade, para os gregos e judeus representa seus códigos de conduta moral e religiosa, mostra a vontade dos deuses e revela o futuro seja ele bom ou ruim e que dependerá das suas escolhas e das suas ações. Sendo assim, as tragédias usaram os mitos como suas fontes narrativas.

Os relatos míticos presentes na tragédia formam uma cadeia de sensações e sentimentos levando o espectador a uma reflexão profunda sobre o seu modo de viver e pensar. Passa, portanto, por um sentimento de religiosidade, que se aprofunda na medida em que a história vai contando os acontecimentos bons e ruins do herói. São antes de tudo um retrato profundo da sociedade que vai se ver ali contemplada, como irracional ao cometer atos insolentes e de devastação. Várias são as passagens nas escrituras em que assim como nas tragédias, o fruto do pecado e da desonra a Deus é a morte e o sofrimento. O pecado assume nas escrituras um caráter separatório em que o homem se afasta de Deus e de sua bondade por causa de suas falhas.

Esta monografia surgiu do interesse deste pesquisador em estudar o teatro grego dando a ele um papel de protagonista frente às informações que nós temos da antiguidade. Não somente um retrato da mitologia, mas social, o teatro e suas noções importantes, entram neste trabalho como a fonte principal para compreensão de um período histórica que encanta, mas também que impõe dificuldades pelos poucos vestígios e suposições que nós temos no campo histórico. Sendo assim partimos no ano de 2020 para uma pesquisa científica com bolsa pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão, nos levando a observar como o teatro nos fornece tais informações e como ele se compara frente às noções judaicas, que foram resultados de uma intensa prática de trocas políticas, éticas, culturais e religiosas. Após obter os resultados desejados, chegamos a esta monografia, concluindo então esta pesquisa que se torna então uma referencia para o estudo sobre a antiguidade com foco no teatro grego.

Objetivamos com esta monografia contribuir para os estudos sobre o gênero trágico observando nele a sua importância para a análise e a construção de um panorama sobre a sociedade grega, assim como no estudo sobre as interações culturais entre os povos da antiguidade, como nesse caso em que comparamos as noções gregas as do Judaísmo, que são resultantes de trocas comerciais, sociais, econômicas e religiosas.

A metodologia desta pesquisa partiu da leitura e levantamento dos relatos míticos, presente nos textos trágicos, e na Torá judaica, juntamente com as sagradas escrituras escritas ao longo da história do povo judeu, e da manifestação de Deus na humanidade. Como os relatos das tragédias eram em sua maioria relatos orais poucos chegaram até nós. Estima-se que cerca de 80% da produção grega trágica foi perdida ao longo da história. Poucos são os estudos realizados sobre o teatro grego na atualidade, o que nos dificultou e nos impulsionou na realização desta monografia.

Este trabalho está dividido em três seções, a saber: a primeira que trata das figuras do pecador e do herói, centrando na figura bíblica de Jó, como o modelo ideal de ser justo e temente a Deus, contrapondo com a figura do Aedos, que seria o herói grego; a segunda passando pelo enredo das tragédias Édipo e sua trilogia, Hipólito e Electra que embora lidas, não são conhecidas da sociedade atual, e que muito contribui para a análise das noções de Hybris e de Moira; e a terceira que passa pelas noções e suas compreensões, buscando objetivar as comparações e as diferenças que cada sociedade colocou em seus vocábulos.

Sendo assim, este trabalho monográfico objetiva contribuir para o debate e a pesquisa acadêmica da antiguidade, com foco na leitura, análise e compreensão das tragédias gregas, bem como das sagradas escrituras que não se resume somente ao campo teológico, mas também ao campo histórico.

2 AS FIGURAS DO AEDOS E DO YASHAR

Havia na terra de Hus⁵, um homem chamado Jó⁶. Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal [...] Terminados os dias de festa, Jó os mandava chamar para purificá-los; de manhã cedo ele oferecia um holocausto para cada um, pois dizia: “Talvez meus filhos tenham cometido pecado, maldizendo a Deus em seu coração”. Assim costumava Jó fazer todas as vezes. (BIBLÍA, Jó 1, 1,5)

Com essa passagem, inicia-se o Livro de Jó, personagem importante para se compreender a figura do pecador na literatura judaica presente nos textos sagrados. Jó é apresentado como a figura do Yashar, isto é, aquele que prefigura a justiça, a retidão; um homem íntegro e reto que evita blasfemar contra Deus, mesmo questionando a justiça divina como colocado pelo autor nos capítulos do diálogo entre Jó e seus amigos. Tal personagem se torna o modelo ideal de ser humano, que acata as vontades divinas e segue as regras deixadas por IAHWEH⁷. Na Grécia Antiga, o modelo comparado a Jó, é o “Aedos”, ou o herói.

O herói enquanto personagem principal tem suas gênesis ligada aos deuses, numa tentativa de se instituir uma ascendência divina, para se explicar os seus feitos gloriosos. A presença do cosmos então se torna material na figura do herói. Conforme Finleyos gregos acreditavam em uma chamada “Idade dos heróis”, entre as eras do bronze e do ferro. Hesíodo e Homero são os que mais abordam essa idade, em seus escritos tão conhecidos por nós: Os Trabalhos e os Dias, a Ilíada e a Odisseia. Como nos aponta Finley “Estes poetas davam atenção a alguns factos do passado; não se interessavam pela sua relação com outros factos, passados e presentes e, no caso de Homero, nem sequer com as consequências desses acontecimentos”(FINLEY, 1989, p. 26). Tal idade dos heróis é mencionada nos mitos e nas tragédias evidenciando essa ancestralidade, como em Hipólito, em que o personagem principal é filho de Teseu, o herói que matou o Minotauro.

Enquanto nas tragédias, os personagens sofrem diretamente as influências dos deuses, que ora estão ao seu favor, ora contra, nas sagradas escrituras, os homens sofrem por seus próprios méritos, pois os mesmos ao se afastar da presença de Deus acabam negando o seu poder e sua proteção. Em Jó temos uma situação à parte: os seus bens são retirados e os seus filhos são mortos, não por vontade divina, mas sim por permissão em forma de teste. Tudo o que acontece se levanta por parte da descrença de Satanás em relação a Jó e sua forma de

⁵Terra de Hus: Ficava provavelmente perto de Edom, de modo que Jó não é natural da terra de Israel. A terra de Hus é muitas vezes identificada como o reino de Edom. Os estudiosos em exegese bíblica apontam para a origem de Hus, por meio do personagem de mesmo nome filho de Disã e neto de Seir.

⁶Jó significa Íyôb que provém de Ayab =objeto de perseguição e inimizade. Tal história é baseada numa lenda antiga do Oriente Médio.

⁷Nome pessoal de Deus que significa “Eu sou aquele que sou”. O nome de Deus é extremamente sagrado entre os judeus, de um modo que não se pronuncia o mesmo em respeito ao 2º Mandamento: Não tomar seu santo nome em vão. Os judeus ao direcionar suas orações preferem utilizar adjetivos ou interjeições como: Hashem (o nome) e Adonai (senhor).

viver. De modo a provar que tudo o que Jó tem deriva das bênçãos de Deus, ele pede a permissão do mesmo para retirar todos os bens e provar que nas dificuldades e tragédias da vida, Jó irá blasfemar como nos coloca o autor sagrado:

No dia em que os filhos de Deus vieram se apresentar a Iahweh, entre eles veio também o Satã. Iahweh⁸ então perguntou ao Satã: “De onde vens?” - “Venho de dar uma volta sobre a terra, andando a esmo”, respondeu o Satã. Iahweh disse ao Satã: “Reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal “. O satã respondeu a Iahweh: “É por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantastes um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoastes a obra das suas mãos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto”. Então Iahweh disse ao Satã: “Pois bem, tudo o que ele possui está em teu poder, mas não estendas tua mão contra ele”. E o Satã saiu da presença de Iahweh. (BIBLIA, Jó 1, 6 a 12)

Inicia-se então o suplício de Jó, que vai recebendo as notícias das mortes de seus filhos, servos e perda de suas riquezas. Ao ouvir sobre as perdas, o personagem bíblico cai por terra e enlutado chora por seus filhos, mas não blasfema e proclama que bendito é o nome do senhor.

Jó é o arquétipo bíblico do bom homem, e o Aedos, o modelo grego ideal de virtude ou Arété⁹, a perfeição heroica e moral. Na figura do Aedos, os tragediógrafos gregos, moldaram seus personagens, de modo a parecerem o mais fiel possível aos deuses, que apesar de serem divinos, tem sentimentos humanos. As divindades gregas, interviam constantemente no destino da humanidade, mesmo sabendo que, o que estava pré-disposto não poderiam ser mudados. Sendo assim os deuses poderiam proteger os seus heróis, mesmo que suas moiras já tivessem sido determinadas pelo oráculo¹⁰.

O herói grego era dotado de virtudes, que deveriam ser fundamentais para se alcançar o seu fim último que era a glória, que nada mais era do que ser lembrado pelos seus feitos, pois a pior morte para os gregos era cair no esquecimento. Mas qual seria o modelo ideal de glória buscado pelo Aedos? Finley aponta que a glória estava centrada nos feitos militares, na lembrança do nome e no ato de morrer lutando, essas seriam as virtudes tão buscadas pelos heróis, que acabavam frustrando as famílias que não tinham entre seus ascendentes um que se igualasse a essas virtudes, seria assim um Harmatia¹¹ morrer e não ser lembrado. O esquecimento prefigura então como a pior moira para um grego, que acreditava que o ato de ser lembrado, seria então a forma de perpetuar a memória. No arquétipo bíblico, ao contrário

⁸Na Bíblia de Jerusalém, o nome de Deus aparece em sua forma original do hebraico, em comparação com outras traduções que apenas coloca Senhor ou Adonai.

⁹A Arété como virtude era cultivada por toda a sociedade que acreditava nas bênçãos dos deuses. Os gregos em geral não poderiam renegar nenhum dos aspectos da vida e dos atributos dos deuses.

¹⁰O Oráculo cumpriu durante toda a história grega um papel fundamental, pois ao revelar os destinos, em especial nas tragédias moldou a sociedade, em torno do culto ao deus Apolo.

¹¹Palavra grega que significa erro trágico. A Harmatia consistia em cair no esquecimento, o que era considerado inadmissível pelos gregos.

do Aedos, o personagem para ser lembrado, deveria se valer de preceitos, condutas e virtudes que o aproximavam de Deus, como Daniel, Esther, Judite, Sansão e tantos outros que buscaram fazer valer os preceitos deixados por IAHWEH em suas vidas, e na vida de seus conhecidos, parentes e amigos. Jó, ao perder tudo o que possuía, jamais blasfema, mas bendiz o senhor, mesmo que em seu interior ele se pergunta, por que a mão de Deus se levantou contra ele. Em determinado momento, Jó se questiona sobre qual blasfêmia, possa ele ou um dos filhos ter cometido, para receberem esse castigo do senhor:

Se pequei, que mal te fiz com isso? Sentinela dos homens? Por que me tomas por alvo? E cheguei a ser um peso para ti? Por que não perdoas meu delito e não deixas passar a minha culpa? Eis que vou logo deitar-me no pó; procurar-me-ás e já não existirei. (BIBLÍA, Jó 7, 20 a 21).

Em Jó, o autor sagrado se baseia nos princípios divinos para mostrar uma dura realidade de como se deveria viver na presença do senhor. Ivo Starniolo coloca que Jó apresenta o dogma da retribuição¹², que consistia em dizer que fazendo aquilo que é reto aos corações e vivendo na presença do todo poderoso, sua vida seria repleta de alegrias e felicidades, numa tentativa de colocar Deus como aquele que retribuía as boas obras feitas pelo justo, o Yashar. O dogma da retribuição que fica bem mais claro a partir dos discursos dos amigos de Jó apresenta o mesmo personagem como àquele que cometeu um pecado terrível e, portanto, é passível de tais condenações. Frente ao personagem de Jó, nas tragédias gregas, o herói é vítima de calúnias, difamações e condenações por parte dos deuses e da sociedade, contudo, poderia ele ter cometido alguma falta grave que levou desgraça para sua vida e de seus pares fazendo com que todos ao seu redor sofram com as consequências.

2.1 A presença da religião nas figuras do herói e do pecador.

A relação com a religião, ou com a ideia de religiosidade no mundo antigo, está presente nos dois modelos: grego e judaico. Isto se deve ao fato, de que o culto a natureza dos heróis ou mais especificamente a uma contemplação de um antepassado heroico que provém da relação com os deuses. O Aedos seria fruto da relação de um deus com uma ou um mortal, e que tal mortal seria dotado de virtudes, que o destacaria entre os homens, como é o caso de Hércules ou Heracles, nesse caso tais seres seriam semideuses. Frente a esta ideia, temos o pecador, como a figura do que comete os delitos, se arrepende e é perdoado pelo senhor. O pecador nas sagradas escrituras, pode se destacar de várias maneiras: como um profeta, que recebe visões e ouve a voz de deus; como um ser dotado de um senso de justiça e força que

¹² O Dogma da Retribuição colocado por Storniolo em Jó evoca o princípio de Deus como mercado de troca, o que nos leva a pensar que tal princípio que vigora até os dias de hoje em algumas pessoas ultrapassou séculos, e se mostra também não só no Judaísmo, mas também no Cristianismo.

protege e guerreia em nome deus; ou como um simples homem, que obedece aos mandamentos. O pecador entre seus vários aspectos busca sempre a proximidade com Deus, está em seus caminhos e respeitar as suas ordens.

A tragédia desde seu nascimento está ligada à religião, justamente por ser fruto pôr do culto a um deus. Assume então suas características religiosas, em principalmente no seu modo de pensar e revelar o lado oculto da racionalidade humana, e que faz parte da natureza cosmológica, pois o Cosmo é a sua fonte principal. O homem trágico assume assim a função de interpretador da sociedade em que ele é o seu representante. Deve ele mostrar os aspectos mais profundos da sociedade, mostrando caminhos para o seu crescimento. Em contrapartida aos gregos, o homem judeu já não é um retrato da sociedade, mas a imagem e semelhança de Deus, dessa forma o dever do homem é agradar a Deus, devendo o mesmo ser sempre íntegro e reto. O homem grego e o homem judeu são perfeitamente ligados ao sagrado respeitando as suas diretrizes éticas, comunicando-se com o mundo superior, cometendo erros, sofrendo as consequências e se purificando. Eliade coloca que é de a natureza humana mergulhar no tempo sagrado na busca por uma realização pessoal e coletiva, honrando os deuses e os espíritos antigos, tentando entrar fugindo dos prazeres carnavais.

Os relatos míticos presentes na tragédia formam uma cadeia de sensações e sentimentos levando o espectador a uma reflexão profunda sobre o seu modo de viver e pensar. Passa, portanto, por um sentimento de religiosidade, que se aprofunda à medida que a história vai contando os acontecimentos bons e ruins do herói. São antes de tudo um retrato profundo da sociedade que vai se ver ali contemplada, como irracional ao cometer atos insolentes e de devastação. Esta sublime relação do mundo material com o cosmo é algo inerente a várias sociedades na antiguidade. Desde o princípio, o homem buscou ter certo contato com o divino, seja através de imagens representando os seus deuses, seja de rituais e lugares sagrados, como nas figuras das Vênus, em que as esculturas representavam a Mãe Terra e o ventre feminino. Mircea Eliade estabelece uma relação do material com o cosmos, como um princípio de consagração ao mundo divino:

Mas é preciso observar que, se todo território habitado é um “Cosmos”, é justamente porque foi consagrado previamente, porque, de um modo ou de outro, esse território é obra dos deuses ou está em comunicação com o mundo deles. O “Mundo” (quer dizer, “o nosso mundo”) é um universo no interior do qual o sagrado já se manifestou e onde, por consequência, a rotura dos níveis tornou-se possível e se pode repetir. (ELIADE, 1999, p.33)

Nesse trecho, Eliade chama a atenção para a existência de lugares sagrados, onde o divino se manifesta, lugares esses presentes na cultura grega e judaica através de templos e oratórios, onde o pecador e o herói buscam contato com o mundo superior para se purificar, questionar

ou agradecer aos deuses. Não somente através dos templos e oráculos os personagens buscam os sinais sagrados, as mensagens divinas para os seus feitos e os questionamentos para suas perturbações, muitas vezes o contato com o divino se manifesta na aparição dos deuses, ou de seus enviados. Jó vê os sinais e entende que a sua desgraça é fruto do pecado dos seus filhos ou seu e se prosta em perdão a Deus o bendizendo:

Então Jó se levantou, rasgou seu manto, raspou a cabeça, caiu por terra, inclinou-se no chão e disse: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá. Iahweh o deu, Iahweh o tirou, bendito seja o nome de Iahweh”. Apesar de tudo isso, Jó não cometeu pecado nem imputou nada de indigno contra Deus. (BIBLÍA, Jó 1, 20 a 21).

Jó entende que os desígnios divinos são perfeitos e se acontecem é porque Deus o assim determinou, já o herói entende os sinais através das consequências que suas atitudes causaram que na cultura grega se chama Hybris, ou desmedida ou falta cometida, que na crença grega era a ofensa contra algo divino. Sendo assim, a religião assume como uma presença fundamental na literatura sagrada e nas tragédias gregas. É possível observar atentamente como ela vai moldando os textos de acordo com o seu limiar, para dessa forma moldar o homem à sua vontade. De fato, não é possível separar o homem grego e o homem judaico das suas noções religiosas.

O Aedos enquanto personagem principal olha nas suas práticas religiosas a maneira ideal de chegar a “Kleos” ou a glória imortal. A kleos viria pela boa morte, que seria a morte em combate pelas ideias sublimes que eles tanto lutavam. Para isso, seu cadáver deveria estar com o aspecto juvenil, em paz e em segurança. Mossé explica que a pior coisa que poderia acontecer era o cadáver ser mutilado, pois perderia o seu vigor e sua beleza física, tal como fez Aquiles com Heitor na guerra de Troia. Em contrapartida, a moral do pecador era viver uma vida feliz nos mandamentos de Deus, e enfim após essa vida ir ao encontro do senhor, ou se segue uma vida contrária aos mandamentos seria afastado da presença de Deus¹³. Mais uma vez, vemos a presença da moral religiosa na literatura.

Robert em A Religião Grega apresenta o quanto à religião e a literatura estão interligadas, pois foi através das peças gregas que nos chegaram textos importantes para se compreender como era a relação do mundo do Aedos com o mundo dos deuses. A partir de então, temos a presença da mitologia que buscou legitimar esse antepassado heroico tão caro aos gregos e dos quais eles se orgulhavam. Vernant aborda a construção de um passado, que retoma a ideia de ancestrais míticos, heróis das grandes epopeias, que se caracterizam como

¹³ Os escritos judaicos ao se referirem ao afastamento da presença de Deus não colocam uma noção de inferno ou purgatório como o Cristianismo. O afastamento de Deus seria viver conforme a cabeça do homem, numa vida de pecados e arrependimentos.

seres semidivinos (VERNAT, 2009, P. 44). Tal passado presente na idade dos heróis tem como destaque entre seus personagens: Aquiles, Teseu, Ulisses, Agammenon, além de outros que são encontrados nas peças e que por meio da religião legitimam essa ideia dessa idade. Robert chama a atenção, para o fato de esses escritores trabalharem para os templos e locais de culto, sendo assim o ponto ideal para afirmar a presença da natureza religiosa na literatura.

Importante ressaltar a relação entre Mito e Filosofia, que foram de suma importância para a compreensão das histórias gregas que aparecem nas tragédias. As relações com os mitos ultrapassaram as barreiras do teatro, chegando até a filosofia, onde se instruiu um debate acerca da veracidade ou não das informações contidas nas epopeias e lendas. Marcelo Perine ao escrever sobre o mito e a filosofia, nos coloca que sem as histórias da mitologia, era impossível para o homem de a antiguidade entender o mundo e as coisas ao seu redor, e que muitas das vezes, a filosofia, irmã mais nova do mito se baseava no seu irmão mais velho para aprofundar suas raízes e teses.

Um ponto importante é o fato de a mitologia ser uma base importante para as famílias gregas, para se vangloriar de seu passado glorioso na idade dos heróis, que já mencionada nesta monografia, era motivo de orgulho, pois as mesmas em uma euforia e podemos assim colocar em uma espécie de autocracia, governava, pois, eradescendente dos deuses, o que também lhe davam direitos a posses e escravos. Mito e Filosofia são dois lados de uma raiz de pensamento que moldou as sociedades antigas. De um lado, estórias grandiosas e cheias de aventuras em busca de objetos mágicos que poderiam favorecer a aqueles a quem pertenciam. Por outro lado, pensamentos que buscavam na lógica, uma forma de entender o mundo, sem recorrer a deuses ou fenômenos sobrenaturais.

Sendo assim, os personagens são colocados como a representação da sociedade em que estão inseridas, dotada de males e bens, de seres dispostos e indispostos, de pontos positivos e negativos. O Aedos como um ser dotado de virtudes e sendo o exemplo de um bom cidadão, nas tragédias adquiria um caráter duvidoso, onde o mesmo ao cair em Hybris e cometer um miasma¹⁴, se desvincularia da imagem de bom moço, atrairia desgraça para a sua família e a sociedade em que estava inserido, e só se salvaria por um processo de Catarse (purificação). O pecador, ao inflamar a cólera divina, atrairia os males para si ou sua família, mas a sociedade não seria acometida pela ira de Deus. No pentateuco, temos o exemplo de Corá que ao desdenhar do eleito do senhor, o profeta Moisés, comete o pecado de duvidar da

¹⁴ Miasma seria o erro, ou a ultrapassagem do Métron que era a linha que dividia o mundo humano e o mundo divino. Nas tragédias ficava bem claro que ao cometer um miasma, as consequências seriam terríveis, o que englobava grandes desgraças na vida do herói ou de sua cidade.

vontade divina e se revolta, levando seus amigos e família à morte engolidos pela terra, enquanto os fiéis às ordens do senhor apenas o assistiram.

Inerente a essa relação vemos a figura do cosmos, ou a morada dos deuses. O cosmos assume a função de ponto principal do universo, e o mundo material seria a representação física desse mundo. Eliade coloca que o cosmos está em constante diálogo com o mundo dos deuses, ou é a morada dos deuses e que de acordo com morada, se funda a ordem do universo. Para o herói, o cosmos se manifesta no Olimpo. Inicia-se então uma busca pelo sagrado que não deve ultrapassar o Métron, uma linha que separa o homem do divino, o ser mortal e o imortal, duas realidades presentes nas tragédias, mas que podem se tornar uma só, a partir das experiências vividas pelo herói. Mas do que uma montanha física, o Olimpo se torna uma realidade divina, um lugar iluminado, onde os deuses em assembleia decidem o futuro dos homens. Na literatura judaica, o cosmos é o céu, mas não como o vemos e conhecemos, mas como um lugar onde Deus fixou a sua morada, e de onde governa todos os seres.

A religião prefigura então um ponto importante na literatura judaica, pois seus textos são considerados não somente pelo Judaísmo, mais também pelo Cristianismo e pelo Islamismo que nos mostram como Deus se fazia presente na história de seu povo. Os autores aos escreverem tiveram certo cuidado ao tratar de temas importantes que incluíam desde a adoração a outros deuses como também a questões pertinentes do dia a dia. É um manual da boa conduta que servia de guia para a sociedade. Em Jó, ao perceber que o foi feito não era suficiente para ele blasfemar contra Deus, Satanás pede permissão para feri-lo ainda mais, colocando feridas dos pés até a cabeça. Mas ainda sim Jó bendiz ao senhor, ao dizer para a sua esposa que o questionou que blasfemar seria um pecado muito grande, pois ao senhor pertence o homem e tudo o que possui.

Em Jó, mas especificamente nos diálogos entre ele, Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat¹⁵, que eram seus amigos fica bem especificado o questionamento à vontade divina. Cada um profere um discurso, onde perguntam a Deus, o porquê de tanto sofrimento e no final, o senhor responde que não cabe ao homem questionar as ordens e vontades divinas, mas aceitá-la. A presença das noções religiosas no livro de Jó é tão intensa, que o livro acaba prefigurando nos discursos rabínicos e na literatura como o livro da retidão, onde o seu personagem principal é o exemplo fiel a ser seguido. Entretanto Jó profere graves questionamentos a natureza divina, pontos esses que não são bem evidenciados nos discursos

¹⁵ Os discursos dos amigos de Jó formam a segunda parte do livro, e estão centrados em colocar no protagonista a culpa por todas as suas desgraças. Jó seria então o causador principal pelos seus erros. Tais discursos se atribuem de uma vontade de fazer de Deus um ser cauteloso e rigoroso. (STORNILO)

sobre esse livro. Jó questiona Deus sobre o seu destino, sobre as razões pelos quais ele está passando pelas provações, pois Jó se considerava bom e justo tais sentidos tão caros, mas que incorre o mesmo em um princípio de pecado.

Chama-se atenção para dois pontos importantes: o primeiro é como as noções religiosas fixaram as virtudes e os poderes de seus deuses, e o segundo é até que ponto os limites para essas virtudes estão presentes. Na noção grega, o mundo e as necessidades estão divididos entre os deuses, sendo Zeus aquele que reina sobre todos, mas com seu poder limitado pelo destino ou Moros. Sendo assim, os deuses gregos não podem ultrapassar uma linha imaginária que limita os seus poderes, ou se intrometer nos assuntos e deveres de outras divindades. Na noção judaica, IAHWEH não detém limites, sendo aquele que pode tudo, está em tudo e sabe de tudo (onipotente, onipresente, onisciente). O deus judaico, sendo aquele dotado de poder absoluto determina todas as coisas previamente, executando-as sabiamente no tempo, que por ele foi premeditado.

Em Jeremias é apresentada a onipotência de Deus “A ti nada é impossível” (JEREMIAS, 32, 17) onde tal onipotência se manifestou nos feitos grandiosos que os personagens realizaram em nome de Deus. Enquanto nas escrituras, IAHWEH se mostra todo poderoso, mas age por meio dos seus enviados, que mesmo pecando ficam em sua presença, na Grécia o Aedos executa as ordens divinas, ora com o apoio dos deuses, ora com as posições desfavoráveis por parte de alguns.

O ponto chave dessa relação entre o herói, o pecador e a religião estão no destino, pois ele assume características iguais e diferentes para os dois modelos. No Aedos, o destino é um deus chamado Moros¹⁶, de onde provém as suas filhas ou ajudantes, as Moiras (há várias versões para o mesmo mito) que ao seu poder todos os deuses estão submetidos, mas que tal destino pode ser evitado pelos personagens. Na figura do pecador, seu destino já está pré-determinado e irá se concretizar independente do mesmo fazer algo ou não. Junto com o destino entra a noção de liberdade¹⁷ onde os personagens a tem, mesmo que limitada de escolher o seu futuro.

O destino, por ser algo que procede exclusivamente da vontade divina, não cabe ao homem procurá-lo, pelo contrário, o homem deve viver sua vida corretamente e deixar que o

¹⁶ Entidade grega responsável pelo destino. Segundo a crença grega, nem mesmo Zeus poderia se intrometer nos assuntos do destino, sob pena de romper a ordem cósmica do universo, contudo havia outra crença de que Zeus estaria sim acima do destino.

¹⁷ Incorre aqui o questionamento sobre o Livre Arbítrio que seria a liberdade de escolha do destino. Tal pensamento para o Judaísmo não era muito importante, uma vez que Deus fixou as leis e os homens deveriam seguir. Esse questionamento ganhou força na era cristã, ao ponto de haver várias discussões sobre a sua inexistência ou não.

destino aconteça conforme os planos da divindade. Já não há um oráculo, mas profetas que através de sonhos recebem a mensagem divina e devem comunicar aos homens para que eles saibam do que vai acontecer. No livro dos Provérbios é colocado que o homem sozinho, não tem controle sobre seus caminhos, somente Deus que os dirige conforme a sua vontade “É Deus quem dirige os passos do homem. Como poderia alguém compreender seu próprio caminho?” (BÍBLIA, Provérbios, 20, 24). O destino seria então o cume da vida dos personagens, onde suas escolhas mesmo que já premeditadas pelo divino se concretizariam.

O herói ao final do seu curso de vida chegando a sua moira poderia ter sua vida redimida ou ser condenado ao tártaro, já o pecador viveria ao lado de Deus ou seria retirado de sua presença pela eternidade. Em ambos os casos, o destino age como um pacificador, como algo que deveria tornar a existência dos personagens mais próximas aos desígnios divinos, mas também poderia ser um divisor. Sendo assim, tanto na cultura grega como na cultura judaica, os autores salientaram em seus escritos as noções de boa conduta aos seus contemporâneos, de modo a ensinar e a guiar os mesmos nos caminhos que deviam trilhar segundo os preceitos religiosos, e mostraram o que aconteceria caso tais preceitos não fossem observados. O mundo humano, como profano busca no sagrado a sua essência divina e tem no mito sua fonte principal. A tragédia ao recorrer ao mito, recorre a religiosidade para colocar em suas páginas passagens que marcassem profundamente a sociedade. No povo judeu as escrituras que foram escritas devem colocar no homem uma consciência social de que tudo que ele possui não é da vontade divina e, portanto, ele devia respeitar e temer ao não cometer algo que infligisse à cólera divina.

2.2 A mitologia faz parte da literatura?

Para além de uma história criada, os mitos se revelam sagrados ao narrar feitos considerados grandiosos pela sociedade. Tais feitos cometidos pelos deuses, ou pelos mortais segundo Eliade partem do sagrado, do mundo do cosmos, e assumem no mundo material um caráter profético. O mito assim revela a extensão do poder divino “É por isso que o mito que conta essa ontofania sagrada, a manifestação vitoriosa de uma plenitude de ser, torna-se modelo de todas as atividades humanas: só ele revela o real, o superabundante, o eficaz (ELIADE, 1999, p. 86). A literatura ao se aproveitar dos mitos para descrever histórias do passado, nos revela a autoridade e o poder que eles tinham como verdade na Grécia antiga. Eliade define os mitos como relatos que ocorreram nas eras primordiais, que com a interferência de seres cosmológicos, uma realidade passou a existir, definindo então como uma narrativa da criação (ELIADE, 1979)

Tanto na cultura grega, como na judaica temos a presença de histórias criadas para se explicar o nascimento do mundo e a criação dos seres. Tais escritos nos contam e mostram como as sociedades se auto enxergavam, ditando as regras dos bons costumes norteando a vida dos cidadãos. Na Grécia antiga, os mitos prefiguraram por muito tempo como canais de verdade, passados por gerações pela tradição oral. Fernand Robert nos coloca que é muito comum confundir mitologia com religião e reduzir os mitos a tão somente histórias pitorescas ou simples contos literários, rebaixando os seus personagens em especial o Aedos a pontos sem importância na sociedade. Desse modo poderiam os deuses ser reduzidos a tão somente crenças fantasmagóricas¹⁸ sem relevância, e seus triunfos e os de seus filhos, os heróis, ou semideuses a estórias simples. Contudo, o mito está além de uma verdade ilusória, ou de uma maneira de se explicar o mundo e seus fenômenos. É por meio dele, que nos chegaram os primeiros sinais de uma natureza pensante do homem. A mitologia se constituía não só das histórias, mas de templos, símbolos que a moldaram e a fizeram a grande verdade que perdurou durante anos. Eliade coloca os mitos como histórias de um tempo distante, mais precisamente do começo dos tempos “Ab initio”(ELIADE, 1999) onde seus personagens dotados de poder e inteligência são revelados aos seres humanos.

No Judaísmo, os mitos se assumem como verdades de fé, em que todo ser humano temente e fiel a Deus, deve acreditar sem pestanejar. As histórias contidas nas escrituras que revelam eventos sobrenaturais com o povo hebreu são carregadas de simbolismo e de poder. Deus se manifesta em toda a sua glória, levando o seu povo a adorá-lo ou castigando-o quando eles se contrabandeavam para outras crenças. É extremamente importante citar os episódios, em que Deus castiga seu povo pelas falsas crenças em mitos duvidosos, como no livro de Reis, em que Elias profetiza uma seca em Israel pela adoração a Baal, ou em Daniel no banquete do rei Baltazar, onde a mão de Deus¹⁹ escreve “Menê, Tequel, Parsin” (DANIEL,

¹⁸ Robert chama a atenção em seu livro para a redução atualmente dos mitos como crenças ou histórias sem sentido, usados apenas para colher informações sobre a cultura de um determinado povo. É necessário que os mitos sejam usados como fontes especiais de leitura e análise de um determinado território. Robert afirma que os mitos não foram criados somente para dá nomes a serem naturais, mas que a razão humana ainda não pudesse compreender que seriam fenômenos naturais. Ao historiador da antiguidade, cabe uma atenção especial para a parte mitológica, para não somente usá-lo como fonte, mas também para se entender a razão e a consciência de que os criou, identificando os materiais e métodos para se chegar naquela determinada fantasia.

¹⁹ Deus em nenhum momento das escrituras revela a sua face, ou se mostra seu corpo. Sempre age através de sinais, e de profetas para manifestar o seu poder. A mão que aparece no livro de Daniel, não somente escreve as palavras Menê, Tequel e Parsin, mas também explica as razões e os acontecimentos posteriores ao banquete do rei. Toda a razão pelo qual Baltazar é condenado tem a ver com o cativo dos judeus na Babilônia, evento narrado no começo do livro de Daniel, mas também com a profanação dos objetos sagrados do 1º templo de Jerusalém construído pelo rei Salomão. Nabucodonosor ao invadir Israel, leva consigo não somente a família real, como todo o povo e os objetos sagrados do templo, destruindo o mesmo, e condenando os hebreus a adorarem os deuses babilônicos. Porém, com a sua loucura, Baltazar assume o trono, mas é condenado a passar o domínio para o rei persa Dario.

5, 25) que na tradução do profeta diz que o Senhor contou o rei na balança e o achou pesado, e que seu reino foi entregue aos Medos e aos Persas.

Entre as sagradas escrituras, se destacam os livros de Genesis e Levítico. O primeiro por narrar o mito da criação que se mantém até os dias atuais como verdade de fé, além da criação do homem e dos primeiros pecados e pecadores. O segundo por moldar a vida social, alimentícia, emocional e ética da sociedade judaica. Tanto o Genesis, como o Levítico se atribuem da mitologia para legitimar os hebreus como escolhidos de Deus, como seu povo eleito e santo. Destaca-se na mitologia judaica que assim como na grega, o pecador descende de um ser importante.

O Aedos descende de deuses com mortais, o pecador descende de Adão e Eva, os primeiros seres humanos criados por Deus para serem perfeitos, mas que por seus pecados foram expulsos do paraíso (Éden), não somente dos primeiros humanos, mas também de outras figuras que legitimam essa sociedade como Abraão, Isaac e Jacó, tidos como os primeiros patriarcas dos judeus. Eliade cita a importância dos mitos para a humanidade como ensinamentos que legitimam a natureza subjugada dos homens aos deuses, e neste caso, o mundo humano como reflexo do mundo divino se apodera da literatura em forma de tragédias e de textos sagrados para fins próprios. A literatura assim assume como o agente divulgador dos mitos, levando-os a uma forma definitiva, visto que muitos tinham outras versões.

2.3 As estruturas sociais

É inegável a presença das estruturas sociais no enredo das tragédias e dos textos sagrados. A presença da sociedade se faz constante, principalmente quando ela é afetada pelas ações dos personagens. Na Grécia, quando o herói fazia algo contrário as leis divinas, ou seja, incorria em Hybris, poderia as pessoas ao seu redor ser punidas pela Hamartia do herói. Nas noções judaicas, o pecado não passaria para as pessoas ao seu redor, mas, poderia ser passada para sua descendência. No judaísmo, o conceito de pecado original não existe, sendo assim o pecado de Adão²⁰ não foi passado para seus descendentes, ou seja, a humanidade, mas sim, deu início aos distúrbios da ordem divina.

Os textos tão conhecidos por nós das tragédias nos mostram uma realidade onde poder e relações sociais estão sempre em conflito, seja por guerras sangrentas ou

²⁰ O pecado original do Cristianismo que evoca a crença de que a humanidade inteira carrega a culpa de Adão e Eva, e que tal pecado é apagado no sacramento do Batismo, não existe na realidade judaica. O Judaísmo como será retratado na Talmud, acredita que os pecados nascem das escolhas humanas, mas que o homem ao nascer não carrega algo que não o cometeu, a não ser que tal culpa seja de seu ancestral próximo. Para os judeus, os relacionamentos familiares eram uma maneira de manter a ordem e a pureza, sendo assim existiam leis e regras para a purificação.

discordâncias quanto a naturezas imigratórias ou religiosas. Cito a tragédia de Efigênia, onde a mesma se auto sacrifica²¹ para que os deuses sejam favoráveis aos exércitos aqueus. Tal tragédia de Efigênia mostra o quanto à sociedade grega com suas noções de civilização era estruturado em uma esfera política e religiosa, pautada no exercício dos bons costumes e das honras aos deuses. A personagem principal desta tragédia escrita por Eurípedes, se auto sacrifica, mas que de qualquer forma, sua morte já estava premeditada por seu pai. Agamemnon, rei de Micenas, irrita a deusa Ártemis, que o faz prometer sacrificar sua filha em troca de redenção. O rei então arma uma situação envolvendo Aquiles, que na última hora ao saber do que aconteceria defende Efigênia.

A estrutura social retratada nas tragédias é anormal, feita como um aviso aos gregos. As tragédias revelam o quão frágil era à sociedade grega. Revelam amor, ódio, traição, armadilhas e tudo o que se tentava esconder dos olhos humanos. Nas sagradas escrituras, a sociedade retratada se mostra como temente a Deus, mas com problemas de dúvidas sobre a fé. Várias são as passagens sobre as dúvidas da sociedade judaica, como a adoração ao bezerro de ouro no Êxodo, o culto ao deus Baal no livro dos Reis. Tais passagens nos mostram que mesmo com os feitos grandiosos de Deus, o seu povo se mostra frágil diante de outras realidades sociais.

Os livros da Torá que na Bíblia cristã equivalem ao chamado Pentateuco, revelam passagens em que o povo de Israel, contempla o seu Deus, seus feitos e obras e desdenha do mesmo. No caminho para a terra prometida, Deus os castiga por duvidar de seu poder e os condena a andar 40 anos no deserto, além dos vários perigos que porventura irão enfrentar por conta das suas transgressões as leis. Deus se encoleriza do seu povo, sempre pelo mesmo pecado: dúvidas do seu poder.

Entre os pontos chaves nas estruturas sociais, destacam-se os sacrifícios como maneira de apaziguar a ira dos deuses ou agradá-los. Tal prática comum aos povos antigos tem suas ressalvas quanto à maneira do sacrifício e suas vítimas. Na Grécia antiga, o culto ao deus Dioniso era precedido pelo sacrifício de um bode, animal sagrado para o deus, e cujos ritos deram início ao teatro. Na religião judaica, temos a presença dos novilhos, puros e sem mancha para oferecer a Deus, como prova de amor e gratidão, ou como purificação pelos pecados cometidos. O primeiro assassinato narrado pelas sagradas escrituras, só ocorre pela aceitação de Deus do sacrifício de Abel, que lhe oferece um novilho gordo e negação de Caim, que ofereceu frutos da terra. Os sacrifícios eram usados para agradar aos deuses, e eram

²¹ O auto sacrifício é algo que se fez presente ao longo da história como forma de apaziguar um problema, ou para demonstrar sentimentos.

vistos como reflexo de um modelo divino, de heróis que se auto sacrificavam para que as ordens divinas pudessem ser cumpridas. Eliade cita que tais práticas como os sacrifícios provinham de modelos divinos que tinham por resultado imitar o mundo dos deuses, e por outro lado ritualiza as práticas religiosas (ELIADE, 88).

Os tragediógrafos tiveram um cuidado espacial ao retratar uma sociedade pautada em valores herdados dos deuses e sob a visão deles. Os miasmas que ocorrem nas tragédias, frutos das ações dos personagens, demonstram a fragilidade humana e o que ocorreria caso aquilo acontecesse. Com isso veremos a Hybris e as Moiras como frutos dessa fragilidade, que terminará no completo sofrimento da sociedade que pagará pelas ações do herói, como em Édipo em que toda a cidade de Tebas, sofre pelo assassinato de Laio, levando o rei e seu filho a procurar o assassino vendo a cidade padecer. O objetivo principal era a sociedade se ver retratada nas tragédias, como um aviso. Entretanto tal aviso vinha carregado de um misto de emoções boas e ruins. Os judeus nas escrituras retrataram a sua sociedade como quase perfeita, errante, mas temente aos mandamentos do criador, cujo objetivo final era a morada celeste.

Temos então uma perfeita dualidade onde tais culturas mesmo que distintas em certo ponto da história compartilham de estruturas sociais, políticas, econômicas e religiosas, que foram retratados em seus textos, de um lado sagrados pelos profetas, do outro cômico e apresentado perante uma plateia. Podemos afirmar então que as escrituras e as tragédias têm em suas gênesis uma preocupação em colocar a realidade social e religiosa como fonte principal. As figuras principais: o herói e o pecador são retratados como homens ou mulheres falhos, mas que perseveram na luta pelos seus ideais, mesmo cometendo miasmas e se desvirtuando dos caminhos corretos, mas que no fim, encontrarão o que tanto procuravam.

Jó sendo o modelo ideal de homem temente a Deus, antes de perder todos os seus bens por obra de Satanás, era um ser altamente poderoso e rico, sendo dono de inúmeros rebanhos e próspero aos olhos da sociedade daquela época. Após perder tudo, e passar pelo processo da redenção, mesmo sendo um homem fiel, volta a ter os seus bens com quatro vezes mais àquilo que perdeu. Tal estória mostra que ao ser fiel a Deus e mais ainda guardar os seus mandamentos, o homem pode terminar a sua vida terrena, em uma completa prosperidade, sendo altamente abençoado pelo criador. Ao contrário do homem mau e perverso, que acabará na miséria, vivendo de migalhas e condenado a passar uma eternidade longe da face de Deus. O herói por outro lado, encontrará sua redenção ao concertar o seu erro, ou também ao final

de sua jornada. Na Grécia antiga, a noção de redenção vem da palavra Káthasis²², que também indica purificação. A redenção viria por medo do arrependimento e da busca da Eusébeia que é a piedade. Ambas as noções, juntas e entrelaçadas como o final da busca do herói, e de sua redenção, serviram junto com a Hybris e Moîra, para moldar a sociedade grega ao seu modo de ver, julgar e agir. Tais noções presentes nos mitos e em conjunto com a literatura fizeram da sua sociedade um lar próspero e rico em cultura e história.

²² A Káthasis ou purificação é a noção grega que trata da redenção. O herói por meio da purificação expulsaria os males que o rodeavam, a fim de trazer a paz para a sua vida, família ou sociedade caso sua falta tenha atentado contra os outros cidadãos. Na noção judaica, a purificação vinha de rituais sendo o banho o principal. Tal purificação era de extrema importância nos rituais mais solenes, com a Páscoa, a festa de Purim e o Pentecostes.

3 AS TRAGÉDIAS

As Tragédias como fonte documental sobre a civilização grega foram durante toda a história fragmentos importantes para se compreender a História do Peloponeso. Estamos diante de uma grande massa de produção literária, que em sua maioria são atribuídas aos três grandes tragediógrafos²³: Sófocles, Eurípedes e Ésquilo. Toda essa produção literária feita entre os séculos VIII ao IV a.c. chegou de forma fragmentada aos dias atuais. A tragédia²⁴ como um elemento das festas religiosas se baseia dos mitos para dar ênfase em seus textos e estórias ao contar sobre personagens divinos e semidivinos de um passado glorioso da idade dos heróis. Tal passado divino legitimava as famílias que estavam no poder, dando as mesmas razões para governar, em uma oligarquia divina e perfeita. Sendo assim, as tragédias seriam fruto de uma imagem familiar com antepassado divino e que fundamentava todo o poder político local.

As festas religiosas eram os locais onde aconteciam as apresentações, em especial as Grandes Dioníacas, festas em homenagem ao deus Dioniso, divindade que personificava o vinho e o prazer. Realizada em Atenas por intervalos, esta festa constituía-se de procissões, sacrifícios, cantos e cortejos em homenagem ao deus. O teatro tem sua origem nessas festas onde ao sacrificar um bode²⁵ como símbolo de Dioniso se festejava o mesmo. Ana Lúvia ao escrever sobre o teatro chama a atenção ao caráter festivo e solene de sua origem. As festas em homenagem a Dioniso reuniam milhares de pessoas para competirem encenando retratos do cotidiano da vida grega, cheia de autos e baixos guiados pelas divindades. Tanto as festas, como as encenações eram somente uma das várias festas em honram aos deuses retratados nas tragédias gregas.

Além do enredo, surgiu no meio das tragédias um elemento superimportante e que em muito norteava a vida dos gregos: o ideal da glória imortal ou kleos que anteriormente citada nesta monografia era de suma importância para os gregos. Para além da kleos, devemos nos atentar para as noções de Hybris e Moira, que irão moldar perfeitamente os enredos das

²³A produção literária grega do gênero trágico teve bastante fomento nas festas em honra ao deus Dioniso. É possível que os grandes autores, e aqui não somente os mais famosos, mas a todos tenham ao longo da história terem escrito grandes peças que foram prestigiadas pelos espectadores. Contudo acredita-se hoje que cerca de 10% do foi escrito chegou aos dias atuais, tendo sido perdidos a maior parte das tragédias. Nem todas estão completas, fazendo com que tenhamos somente alguns fragmentos, como é o caso de Palamedes de Eurípedes, escrita em 415 a.c.

²⁴O vocábulo tragédia de Tragoidas: tragos significa bode, eoide significa canto, sendo o significado: o canto do bode.

²⁵ O bode como animal símbolo do deus Dioniso, tem estrita ligação com a origem do gênero trágico através do sacrifício. Segundo o mito, após Dioniso ensinar aos homens a arte do cultivo de vinhas, um bode foi acusado de destruí-las, sendo condenado a morte. Após o esquartejamento, os homens dançaram e beberam sobre sua pele, o que virou parte dos rituais.

tragédias. Os heróis no teatro sofrem as ações caudadas por si mesmo. É um paradoxo, pois o mesmo herói que comete o erro, e sofre por ele, pode aos olhos humanos não ter feito nada, mas ao divino ter cometido uma falta grave, como será o caso do personagem Hipólito.

Sendo assim, as tragédias não somente se constituem como fonte documental, mas também como uma imagem em palavras do cotidiano grego. Tal imagem nos chama atenção para os detalhes que são colocados no decorrer do texto: descrição de espaços, lugares, pessoas, personagens etc. Tais detalhes muitas vezes são incoerentes com a Geografia, o que leva os historiadores a levantarem questões e suposições sobre os espaços envolvidos, como na Odisseia, onde não se tem um consenso sobre a localização exata da ilha de Ítaca, a pátria de Ulisses ou Odisseu, que embora exista atualmente, poderia ter sido outra ilha no passado.

As tragédias também foram objetos de estudos pelos filósofos, que tentaram encontrar uma razão para as suas histórias. Aristóteles alerta para o problema da Hybris, que deve acima de tudo ser entendida como um erro social, cometido por um distúrbio da conduta moral e ética da sociedade. Seria então um desrespeito a natureza do homem, uma forma dele se autodestruir e destruir os deuses. Aristóteles seguia assim o pensamento de Platão, que vai de encontro ao mesmo pensamento de Heráclito, que concluiu que a Hybris deveria ser apagada da natureza humana, pois seria um perigo para o pensamento humano, e sua atividade como ser transformador da realidade social. Entretanto observamos uma série de elementos que ajudam a Hybris no seu aparecer, e dependendo da mesma no seu desaparecer.

A Hybris enquanto noção grega de desmedida se apresenta como um distúrbio moral da sociedade, algo que os gregos deveriam se afastar, pois os levariam as ruínas enquanto adoradores dos deuses e bons cidadãos. Devemos nos atentar para o fato de que em alguns casos, a Hybris passa despercebida pelo herói, que age de uma forma que aos olhos humanos é racional, mas ao divino se constitui uma ofensa ao que já foi determinado por Moros, o destino.

Destino e Desmedida são duas noções que caminham interligadas no processo de construção da sociedade grega, pois determinam os acontecimentos na vida do herói. O Aedos pode acabar cometendo uma falta, ao tentar fugir do destino ou evitar que ele aconteça da forma como foi premeditado, o que aparece na Trilogia Tebana, com o personagem Édipo. A dualidade Destino e Desmedida ditam o curso das histórias. Elas moldam os personagens e suas ações à sua maneira, de modo que todo o enredo está fundamentado nessas duas noções. Temos assim, histórias do cotidiano que mostram a realidade de uma sociedade pautada em valores que deveriam ser corretamente seguidos para que não houvesse uma desgraça social, uma anomalia no bom curso do destino e caos na ordem cósmica natural. Tal noção se estende

até os deuses, que embora pudessem exercer perfeitamente os seus domínios, não poderiam entrar de forma alguma nas determinações do destino.

3.1 A Trilogia Tebana

Grandes são as Hybris presentes nas tragédias. Os tragediógrafos gregos lançaram inúmeras vezes mãos sobre esse sentimento de desmedida em suas peças. A Hybris das tragédias acontece em momentos únicos de reflexão dos heróis trágicos, que por sua vez, podem ou não estarem ligados aos seus destinos. É inegável que tivemos durante toda a história grega uma grande produção literária entre poemas, comédias e tragédias. Contudo, temos poucos documentos do que foi escrito e que chegaram até os dias atuais completos ou em pequenos fragmentos. Tais peças, que embora retratem uma sociedade totalmente diferente dos tempos atuais, servem ainda de grande inspiração para velhos e novos autores para seus escritos. A peça Édipo Rei, bem como as suas continuações: Édipo em Colono e Antígona de Sófocles gozaram e ainda gozam de bastante prestígio entre os amantes do teatro, escritores e jovens atores, que a utilizam como uma referência primordial de um ideal de personagem que embora racional comete graves delitos.

A Trilogia Tebana de Sófocles engloba todo o mito de Édipo, bem como seu governo, morte e posteriores acontecimentos na cidade de Tebas. Sendo três peças marcantes, a saber: Édipo rei, exibido pela primeira vez por volta de 430 a.C, perpassa pelas descobertas de Édipo, dos acontecimentos que levaram a ira divina a Tebas em forma de peste. Édipo fica tão concentrado em encontrar o assassino de Laio, e puni-lo, que não percebe que ele mesmo é a causa da desgraça de Tebas. Édipo em Colono, exibida por sua vez em 401 a.C, dá sequência a história de Édipo, narrando sua partida de Tebas e sua morte. Cego e expulso pelos filhos Etéocles e Polinices, que brigavam pelo poder, amaldiçoa seus descendentes e morre. Antígona por sua vez, representa o choque entre o herói e o direito, contrariando Creonte ao dá um enterro digno a Polinices, seu irmão, Antígona se coloca como desafiadora a vontade dos governantes.

A Hybris de Édipo o leva a intempéries²⁶, seus erros levam Tebas ao sofrimento, mas tais sofrimentos se transformam depois em reconciliação. Não somente de natureza destruidora, a Hybris poderia levar também uma Kátharsis²⁷, uma purificação de seus erros.

²⁶Conceito grego de infortúnio, desgraças e tempo ruim.

²⁷A Kátharsis se caracteriza pela purificação. Seria o último estágio a ser realizado nas tragédias, contudo nem todos os personagens gregos passaram pela purificação.

Em Édipo a reconciliação se dá pela vida. Édipo ao ver o sofrimento de Tebas, procura saber no oráculo, o motivo e descobre que ele é próprio é o causador de todo o sofrimento existente:

Creonte: Revelarei então o que ouvi do deus. Ordena-nos Apolo com toda clareza que libertemos Tebas de uma execração oculta agora em seu benevolente seio, antes que seja tarde para erradicá-la.

Édipo: Como purificá-la? de que mal se trata?

Creonte: Teremos de banir daqui um ser impuro ou expiamorte com morte, pois há sangue causando enormes males a nossa cidade.

Édipo: Que morte exige expiação? Quem pereceu?

Creonte: Laio, senhor, outrora rei deste país, antes de ser aclamado soberano.

Édipo: Sei, por ouvir dizer, mas nunca pude vê-lo.

Creonte: Ele foi morto: o deus agora determina que os assassinos tenham o castigo justo, seja qual for a sua posição presente. (SÓFOCLES, 1990, p. 23-24.)

Neste trecho Édipo se depara com a resposta do deus Apolo, e fica revoltado com os motivos, sem saber ainda que ele próprio seja o causador. Mas adiante a ignomínia²⁸, a desonra extrema proveniente de sua Hybris, se dá em razão da peripécia, em que a sorte de Édipo se volta para o outro lado, transformando-se em algo trágico, por sua vez o herói é entregue a maldição. É importante observar que desde o começo do mito de Édipo, a sua moira fica bastante evidente juntamente com o destino de seus pais. Édipo em sua profecia deveria matar o pai e casar-se com sua mãe. Fugindo desse destino, Laio manda que Édipo seja dado a alguém e é deixado pendurado pelos calcanhares em uma montanha, onde o pastor que deveria o deixar se comove e o salva. Levado aos rebanhos de Pólibos, rei de Corinto, Édipo é criado como filho.

Na maioria se dirige a Delfos e lá é revelado o seu destino. Supondo ser filho do rei da rainha de Corinto, foge para Tebas onde encontra a comitiva de seu pai biológico Laio, e em uma briga assassina seu pai, sem saber que está cumprindo o foi predito por Moros. Ao livrar a cidade da Esfinge respondendo o enigma proposto, é aclamado rei de Tebas e se casa com Jocasta, a rainha e sua mãe. De seu casamento e reinado, nasceram duas filhas: Antígona e Ismena e dois filhos: Polinices e Etéocles. Sob a vontade dos deuses e cumprimento da profecia decorrente da Hybris de Édipo, recai sobre Tebas uma peste terrível, e Creonte, cunhado de Édipo, é enviado a Delfos para descobrir o porquê da peste, nesse momento começa Édipo Rei.

Ao se analisar a noção de Hybris presente na história de Édipo, devemos levar em consideração dois pontos principais: o primeiro de Laio e Jocasta que ao descobrirem o que o deveria acontecer premeditado pelo destino, abandonam seu filho aos cuidados de um pastor que sente compaixão e leva o menino para casa, e o segundo de Édipo que tenta fugir ao não

²⁸Conceito a desonra extrema.

conseguir entender as razões pelos quais ele deveria passar. O Oráculo em nenhum momento da história, seja para os pais, seja para o personagem explica os acontecimentos que os levaria até o clímax das profecias, o que leva a ideia de não se encontrar com o destino premeditado. Essa ideia de fugir do destino, é algo que os autores colocaram em grande evidência para mostrar a sociedade os efeitos de não cumprir o que está escrito. Em Édipo, isso fica bem claro quando não sabendo a verdade sobre seu passado, ele foge para outra cidade, mas acaba indo ao encontro de seu pai biológico.

A peça Édipo Rei gira em torno dos terríveis castigos divinos que caem sobre o rei de Tebas em decorrência de sua Hybris. Édipo, não somente comete sua Harmartia²⁹ ao fugir de seu destino, como a sua fuga leva-o a ficar mais próximo do mesmo. Vários autores ao analisar Édipo Rei, o classificam como a bela das tragédias gregas, por colocar em sua narrativa, vários elementos que levam o homem a pensar as ações humanas, as suas falhas, as suas qualidades. Édipo seria o modelo ideal de tragédia que mostra e revela a sociedade um ser que sofre que tem sentimentos, que sorrir e que chora.

A Hybris de Édipo desencadeia uma série de acontecimentos que leva os próprios personagens a repensar suas ações. Sem dúvidas, o sucesso de Édipo até mesmo atualmente, se dá por mostrar o homem, o herói trágico em seu auge, como aquele que cumpre o seu destino, poder esse que nem mesmo os deuses podem contrariar.

Édipo retrata uma sociedade pautada em valores sociais enraizados na tradição e na honra aos deuses. O personagem principal seria o modelo de anti-herói, pois executa as suas ações sem saber o que está por vir, levando todos a sua volta a sofrer pelos seus atos. Um destaque da peça são as constantes preces e promessas, que levam os expectadores e pensar mais sucessivamente em seus relacionamentos com as divindades, com o cosmos e com as noções que perpassam e baseiam a sociedade grega. Édipo a todo instante, busca compreender por que tais maldições recaíram sobre Tebas.

Ele dialoga com os deuses, com os seus súditos e por fim acaba se auto amaldiçoando, sem saber que ele próprio é o assassino “Eis, cidadãos, como demonstro acatamento ao deus e apreço ao rei há muito tempo morto. O criminoso ignoto, seja ele um só ou acumpliado, peço agora aos deuses que viva na desgraça e miseravelmente” (SÓFOCLES,1990, p.29). Nodiálogo entre Tirésias e Édipo, ele acaba-se por descobrir que é o assassino, e podemos colocar que há certa demora na aceitação do cumprimento das ordens dadas pelo destino,

²⁹Conceito de erro, falha. Segundo Aristóteles no capítulo 13 de Poética, a Harmatia seria a causa da tragicidade do herói, sendo assim um dos elementos fundamentais que deveria aparecer nas tragédias: “O tipo de hamartia de que necessitamos para a tragédia ideal de Aristóteles é uma certa forma profunda de ignorância que conduz a consequências desastrosas sem subverter a integridade moral do herói trágico.” (ARISTÓTELES, 2008, P. 26)

além de uma discussão entre eles, com troca de injúrias e farpas. O protagonista acaba-se por perder em seus pensamentos por ver sua Moíra realizada, trazendo assim infortúnios para a cidade que um dia ele salvou das garras da Esfinge.

Um diálogo importante para a compreensão da peça Édipo Rei, está nas falas realizadas por Creonte, onde os personagens discutem entre si os méritos e os erros que levaram a cidade a cair em trevas, e sofrer as ações devastadoras da ira dos deuses. Podemos colocar que há aqui uma série de Miasmas³⁰, que em conjunto a Hybris dão clímax a tragédia de Sófocles. Com a fala de Jocasta, Édipo percebe o que aconteceu, de que ele mesmo ao fugir de seu destino, acabou por ir mais prontamente ao seu encontro e a executá-lo:

Édipo: Não me interrogues. Antes quero que me respondas: Como era Laio e quantos anos tinha então?

Jocasta: Ele era alto; seus cabelos começavam a pratear-se. Laio tinha traços teus.

Édipo: Ai! Infeliz de mim! Começo a convercer-me de que lancei contra mim mesmo, sem saber, as maldições terríveis pronunciadas hoje!

Jocasta: Que dize? Tenho medo de encarar-te Édipo!

Édipo: É horrível! Temo que Tirésias, mesmo cego, tenha enxergado, mas ainda quero ouvir uma palavra tua para esclarecer-me.

Jocasta: Também estou inquieta, mas responderei a todas as tuas perguntas. Faze-as, pois.

Édipo: Era pequena a escolta que seguia Laio, ou numerosa guarnição o protegia por se tratar de um homem poderoso, um rei?

Jocasta: Seus seguidores eram cinco ao todo; entre eles contava-se um arauto; um carro só os levava.

Édipo: Ah! Deuses! Tudo agora é claro! Mas, quem foi que outrora te comunicou esses detalhes?

Jocasta: Um serviçal que se salvou, ao regressar. (SÓFOCLES, 1990, p. 56-57.)

Inicia-se então a última parte da tragédia onde Édipo conclui sua verdadeira história, e descobre por fim toda a verdade de sua triste e infeliz história. Com a descoberta que está presente nos cantos do pastor, do estrangeiro e de Corifeu, Édipo percebe então, que todos a sua volta mentiram para ele, ao não revelar sua origem. A tragédia termina com a rainha Jocasta morta, e rei pedindo o exílio ou a morte “Édipo: Mas o divino mandamento é conhecido: mata-se o parricida, mata-se o impuro” (SÓFOCLES, 1990, p. 93). Após uma breve fala, o grande rei Édipo parte para o exílio, deixando a missão de governar Tebas para Creonte.

A peça Édipo em Colono continua a narrar os acontecimentos, agora com Édipo cego, após descobrir a sua desgraça. Expulso de Tebas por seus filhos, Édipo junto com Antígona, perambulam pela Grécia, e se firma em um bosque em Colono, próximo de Atenas, que é governada por Teseu (nota-se aqui a proximidade com a Tragédia Hipólito, visto que Teseu é

³⁰Miasmas são desvios da vida normal. Os gregos acreditavam, que tudo o que estão fazendo refletia no universo, portanto tais ações não deveriam ser cometidas, sob pena de romper o Métron: uma linha imaginária que separava o mundo humano do divino.

o pai do jovem príncipe, que dá nome a peça) a quem Édipo pede asilo. Motivada por outra profecia Creonte tenta em vão levar Édipo para Tebas, pois a terra em que repousar o corpo de Édipo, seria abençoada pelos deuses. Já no começo da peça observamos a menção as Erínias, ou “As deusas pavorosas” (SÓFOCLES, 1990, p. 105) chamadas Eumênides ou Fúrias, cujo nome não se podia pronunciar. Tais deusas que se apresentarão com mais força na história de Orestes, seriam aquelas que puniriam os maus feitores, acompanhando-os por toda a vida. Édipo acaba por aceitar o seu destino de servir as Fúrias, pedindo ele que estas o acolham:

Édipo: Terrificantes deusas, já que vosso assento é o primeiro nesta terra sobre o qual dobrei os meus joelhos, não me hostilizeis, nem ao deus Febo, pois quando ele proclamou o meu destino cheio de infelicidade disse que este lugar seria o meu refúgio, depois de errar por muitos anos, ao chegar a este solo onde acharia finalmente um paraíso acolhedor, inda que fosse para encerrar aqui a minha triste vida; e por haver morado nesta região traria o bem a quantos me acolhessem e ruína certa a quem quisesse repelir-me, fazendo-me voltar à estrada. Prosseguindo, o deus me descreveu sinais reveladores dos eventos futuros, como terremotos, relâmpagos vindos de Zeus, talvez trovões. Percebo agora que em minha longa jornada me conduziu seguramente a este bosque uma premonição qualquer que me mandastes; se assim não fosse, jamais nos encontraríamos, vós, a quem não é lícito ofertar o vinho, e eu, que não o tenho para oferecer-vos; sem vós jamais me sentaria nesta pedra santificada que nunca ninguém talhou. Então, deusas, de acordo com as ordens de Apolo dai-me afinal um meio de findar a vida, se não me achais indigno dessa vossa graça, eu, escravo para sempre das desditas mais lamentáveis reservadas aos mortais! Ouvi-me, doces filhas das primevas Sombras! Ouvi-me, Atenas, também tu que recebeste o nome ínclito de Palas, tu, cidade mais venerada que todas as muitas outras! Tende piedade dos vestígios infelizes de Édipo, que já não é o homem de antes! (SÓFOCLES, 1990, p. 108-109.)

Começa então um diálogo sobre se adaptar à cidade de Atenas, observando as suas leis e tradições e obedecendo ao rei e aos governantes. Édipo, não somente teme as Fúrias, como exalta a grande deusa da cidade Atená, também chamada de Palas³¹, dando aqui mais um forte indício de como a noção religiosa está intrinsecamente presente nas tragédias. Antígona cuida de seu velho pai cego, levando-o para onde os deuses determinarem, vivendo com ele e tendo também que se humilhar para poder ficar ao lado de seu pai.

Antígona se torna então o modelo ideal de filha, que jamais abandona o seu pai, mesmo que os ventos e os votos dos deuses sejam desfavoráveis a sua conduta. Ela suplica pela sua vida e a de seu pai. Édipo também suplica pela benevolência de Atenas, a cidade mais justa e que nunca há de desamparar um forasteiro (SÓFOCLES, 1990, p. 117). Édipo recebe a visita de Ismene, sua outra filha que lhe revela uma nova profecia de que onde o corpo dele

³¹Nota-se que a deusa Atená foi uma das deusas mais adoradas pelos gregos, ao longo da história. Entre os seus atributos estão: deusa da sabedoria, das artes, da justiça e da boa guerra. O nome Palas que foi mencionada na tragédia será um dos principais nomes pelo quais a deusa será chamada. Seu mito afirma que ela nasceu armada da cabeça de Zeus. Era a grande deusa protetora de Atenas, cujo local se passa onde Édipo passou a viver após o exílio de Tebas.

repousar após a morte, as terras terão sucesso. Ismene também lhe diz que Tebas está em guerra, sendo os dois filhos de Édipo os protagonistas de um conflito pelo poder real. Sobre a profecia, ela mais tarde será usada por Polinices para tentar levar Édipo até Tebas, como forma de garantir a ele o poder real. Eis o que diz a profecia:

Édipo: Tens esperanças de que os deuses se interessem por mim a ponto de me salvarem um dia?

Ismene: Tenho; disseram isso oráculos recentes.

Édipo: Que oráculos? Qual foi a profecia, filha?

Ismene: Segundo dizem, os tebanos vão querer-te vivo ou após a morte, pois os salvarás.

Édipo: Que benefício esperaria alguém de mim?

Ismene: Dizem que seu sucesso depende de ti.

Édipo: Hoje, que nada sou, volto então a ser homem?

Ismene: Agora exaltam-te os deuses que te puniram.

Édipo: É tão pouco exaltar um mísero ancião quando a melhor parte da vida já passou...

ISMENE: Pois ouve: Creonte virá buscar-te aqui por isso, agora, e não no futuro distante.

Édipo: Quais são as suas intenções? Sê mais explícita!

Ismene: Ele pensa em levar-te para as vizinhanças de Tebas, onde lhe serias muito útil, mas não quer que pises no chão de tua terra.

Édipo: Que ganharia Tebas apenas por ter um morto sepultado em frente às suas portas?

Ismene: Se o teu sepulcro sofrer qualquer violência eles terão de arcar com sérias consequências. (SÓFOCLES, 1990, p. 125.)

Sendo assim, mesmo incorrendo na peça anterior em *Harmatia*, e cometendo a *Hybris*, Édipo se torna a salvação de Tebas. Contudo ele se recusa a deixar Atenas, mesmo que tal profecia esteja vindo do altar de Febo. Com essa peça Sófocles coloca em evidência os conflitos familiares existentes nas famílias gregas. Poderíamos assim colocar que Édipo em Colono, retrata a busca incessante pelo poder, num derramamento de sangue, até que tudo esteja em suas mãos. A briga pelo poder dos filhos de Édipo, com a presença da profecia evidencia uma sociedade fragilizada, que mesmo pautando os seus valores nas tradições esquece-se dos laços de sangue.

Polinices ao persuadir para levar seu pai, se preparando no confronto contra seu irmão, se prende na tentativa de os deuses o abençoarem por causa de Édipo, mas tem a recusa dele, firma com Antígona um pacto, de que se morresse em Tebas, sua irmã lhe daria um enterro digno. Édipo reiterando a praga sobre seus filhos profetiza que ambos irão matar um ao outro “Ouve bem: jamais poderá conquistá-la; antes morrerás sangrentamente e teu irmão cairá contigo. É esta a maldição que vos lancei há tempo e reitero agora para a vossa ruína” (SÓFOCLES, 1990, p. 176) e morre misteriosamente sumindo na terra na presença de Teseu que promete guardar segredo sobre o túmulo, como detrimento a felicidade de Atenas. Por fim, Teseu manda Antígona e Ismene de volta para Tebas, na tentativa de evitar a luta mortal. A diferença de Édipo Rei para Édipo em Colono, está em que, enquanto na primeira o herói

trágico termina em desgraça, na segunda há a reconciliação do herói com os deuses, a *hybris* aqui, já não assume mais um caráter de desgraça, mas de purificação.

Em *Antígona*, peça final da trilogia, já há o choque entre uma promessa feita, e a decisão do governante. Creonte após a morte de Polínicês e Eteócles que se enfrentaram e morreram um pela mão do outro, como fora predito por Édipo, ordena funeral de honra para Eteócles, que é visto aqui como herói, por defender Tebas de seu irmão, e retira de Polínicês uma honra funerária, visto aqui como um traidor de Tebas. Como já mencionamos neste texto, a ideia de ter honras na hora da morte era motivo de orgulho entre os gregos, que acreditavam na memória (*Mnemosyne*³²), e que o pior falecimento seria cair no esquecimento. *Antígona* ultrapassando a lei de Creonte dá ao seu irmão, um funeral digno:

Pois não ditou Creonte que se desse a honra da sepultura a um de nossos dois irmãos enquanto se nega ao outro? Dizem que mandou proporcionar justos funerais a Eteócles com a intenção de assegurar-lhe no além-túmulo a reverência da legião dos mortos; dizem, também, que proclamou a todos os tebanos a interdição de sepultarem ou querer o desventurado Polínicês: sem uma lágrima, o cadáver insepulto irá deliciar as aves carniceiras que hão de banquetear-se no feliz achado. Esse é o decreto imposto pelo bom Creonte a mim a ti (melhor dizendo: a mim somente); vê-lo-às aparecer dentro de pouco tempo a fim de lardear o edito claramente a quem ainda o desconhece. Ele não dá pouca importância ao caso: impõe aos transgressores a pena de apedrejamento até a morte perante o povo todo. Agora sabes disso e muito em breve irás tu mesma demonstrar se és bem-nascida ou filha indignas de pais nobres. (SÓFOCLES, 1990, p. 202.)

A trama principal nesta peça está no choque de direitos representados por Creonte e *Antígona*. Nesta peça, Sófocles evidencia críticas ao modelo político. O fato principal desta peça está na execução da moira predita por Édipo, e na decisão de Polínicês e Eteócles de se enfrentarem, mesmo sabendo que morrerão pelas mãos um do outro. A *Hybris* aqui se dá no fato de que ambos disputavam um poder amaldiçoado e por não darem os ouvidos as profecias acabaram mortos, em um fim trágico além do fato de que ao negar um enterro Creonte comete uma falta por ter violado uma ação que é bem-vista aos olhos dos deuses.

O choque de interesses entre Creonte e *Antígona*, além da decisão de sepultar seu irmão, leva a um conflito que termina com a morte e o sofrimento dos personagens. A razão por trás da tragédia está no fato de que sua escrita requer uma atenção especial aos fatos mencionados. O Ciclo Tebano como será posteriormente conhecida essas obras mostra uma sociedade pautada em divisões e brigas, que levam a um sofrimento mútuo no convívio social. Já não falamos mais de simples desmedidas, de simples faltas, mas de atitudes gravíssimas que ferem os direitos éticos e religiosos sobre os quais os gregos tanto se orgulhavam.

³²A memória para os gregos era de extrema importância, pois ao cair no esquecimento, as pessoas deixavam de existir. Enquanto houvesse alguém que se lembrava, a pessoa que morreu continuava com seu espírito vivo e forte.

Antígona representa a ética grega, pautada em valores familiares. Ela coloca a sua família acima das regras e do estado, sendo assim levada pelos seus sentimentos. Podemos fazer uma comparação dessa personagem com Medeia, que por amor comete atrocidades para punir Jasão. Medeia de Eurípides encenada em 131 a.C traz em seu enredo o mito de Medeia e Jasão. A hýbris não somente faz parte das ações da personagem principal, mas também como dos secundários. Medeia comete sua primeira hýbris em argonautas ao trair seu pai e ajudar Jasão ao vencer os desafios. Medeia mata seus filhos em um ataque de fúria colocando que ela pode fazer tudo em busca de vingança. Por sua vez a hýbris de Jasão foi trocar Medeia pela filha de Creonte rei de Corinto (nota-se aqui um outro personagem chamado Creonte). As ações tanto de Medeia como de Jasão incorrem em peripécia, e essa reconhece que depois de tudo Jasão se torna ingrato e já não reconhece que ela seria capaz de tudo pela vingança. Eduardo Machado ao falar de Medeia segundo a perspectiva de Regina Zilberman coloca que ela é a representação do mal, do desequilíbrio e da desordem do cosmo. Medeia por fim carrega em seus ombros as moíras de todos os personagens. A trama se encerra com uma prece a Zeus, colocando que os sentimentos humanos transgridam o destino, apesar de não afetar os deuses, o destino é implacável.

Antígona então, segue a sua história cheia de amarguras que o levam à prisão, e aos sofrimentos. A peça se encerra com ela sendo levada pelos guardas, se suicidando e Creonte se lamentando das suas decisões, numa espécie de *Karthisis* silenciosa. Os últimos versos da peça, nos mostram como a Hybris era mal vista aos olhos dos gregos:

Coro: Destaca-se a prudência sobremodo como condição para a felicidade. Não se deve ofender aos deuses em nada. A desmedida empáfia nas palavras reverte em desmedidos golpes contra os soberbos que, já navelhice, aprendem a prudência (SÓFOCLES, 1990, p. 258.)

evidenciando assim, que os personagens podem ter seu agente de reconciliação no final de sua vida. A Trilogia Tebana é um dos conjuntos de tragédias mais estudados não somente pela área da História, mas pela Filosofia e pelas ciências que estudam o comportamento humano. Ela coloca em evidência um homem que não somente é um ser racional, mas que chora, que sorri, que tem sentimentos. Suas Hybris são motivadas por ações acaloradas, e que assim como em Hipólito levam alguém a um sofrimento terrível que pode chegar até a morte. Sendo assim, a função primordial do teatro é motivar em seus espectadores ações de consciência para que eles não sejam afetados no futuro.

3.2 Hipólito e o conflito com a deusa Cípride.

Hipólito peça de Eurípides que recebeu o primeiro prêmio no concurso de tragédias em Atenas em 428 a.C trata acerca do mito de Hipólito que ao honrar Ártemis, causa inveja em Afrodite, fazendo com que ela faça a mulher de seu pai se apaixonar pelo jovem, levando o rei Teseu a matar o seu filho. Fernando Zorrer Silva coloca que a tragédia de Eurípides, revela uma sociedade crítica grega, ao mesmo tempo em que instruí novos olhares ao pensamento humano, o que fazdo dramaturgo um inovador em temas como a guerra e a traição:

Dentre eles, pode-se destacar a crueldade da justiça de Teseu ao condenar o seu filho; a ira de Afrodite e a ação reparadora de Ártemis no fim da peça; a intolerância de Hipólito contra as mulheres; as reflexões de Fedra sobre a ação humana. Todos esses assuntos são apresentados e discutidos ao longo do drama. (SILVA, 2007, p. 9)

Esta tragédia tem as suas hybris principais em dois momentos: a primeira é: ao honrar Ártemis em vez de Afrodite, Hipólito comete uma falta, pois não se deve deixar de honrar os deuses, fazendo com que a deusa Afrodite arme contra ele, um plano de vingança que o levará a morte:

AFRODITE: Potente e não anônima no céu e entre os mortais, me chama deusa Cípride. De quantos homens vêm a luz do sol e vivem entre o Ponto e os termos de Atlas, respeito os que veneram meu poder e abato os que me tratam com soberba. Pois também entre os deuses isto ocorre: gostam de ser honrados pelos homens. Já mostrarei o que é vero: o filho de Teseu e da Amazona, pelo puro Piteu criado, Hipólito, é o único trezeno cidadão que diz que sou a pior das divindades; desdenha o tálamo e renega núpcias; a irmã de febo, filha de Zeus, Ártemis, honora e considera a maior deusa; em verdes bosques, sempre coma virgem, em companhia que a mortais não cabe, mata as feras com cães céleres. Não tenho inveja: pois por que teria? Mas, por ter me lesado, Hipólito hoje vou punir. Quase tudo já está pronto faz tempo: não terei muito trabalho. Pois um dia, da casa de Piteu, ele foi ver, na terra de Pandíon, os sagrados mistérios. Fedra a esposa de seu pai, quando o viu, foi capturada, conforme os planos meus, por torvo amor. (EURÍPEDES, 2010, p. 23).

Fedra fica apaixonada conforme os planos de Afrodite, mas é recusada por Hipólito e comete suicídio, deixando para seu marido, uma mensagem que dizia que Hipólito queria violentá-la. A segunda é quando Teseu amaldiçoa e bane seu filho, que parte para exílio, mas seu carro bate e se esfaçalha nas rochas. Podemos assim colocar que em Hipólito a ação trágica do personagem principal é motivada por um ser divino, no caso uma deusa, que sente ciúme do amor dado a outra divindade e não a ela:

HIPÓLITO E SERVOS: Senhora, senhora sacratíssima, prole de Zeus, salve, salve ó filha de Leto e de Zeus, Ártemis, a mais bela das virgens, que no vasto céu habitas o lar de teu bom pai, a multiáurea morada de Zeus, salve, tu, a mais bela, a mais bela dentre as olímpias.

HI: De intacto prado trago-te, senhora, esta grinalda que trançei, de lá onde nenhum pastor apasce grege nem ferro foi jamais: primavera!... (EURÍPEDES, 2010, p. 27).

Hipólito exaltava muito a divindade dos campos, a gloriosa filha de Leto, irmã de Apolo, que tal amor e devoção motiva em Afrodite um sentimento de desprezo, de querer ver o filho de Teseu sendo castigado por suas falhas.

Tal amor por Ártemis leva a deusa Cípride³³ a armar para o jovem príncipe. Hipólito é avisado para não deixar de adorar a deusa do amor e por isso sofre as consequências de seus atos. No diálogo entre o servo e o príncipe, há uma frase deveras importante e que podemos assim dizer resume em si toda a mensagem que está contida no texto escrito por Eurípide “É necessário honrar os deuses, filho!” (EURÍPEDES, 2010, p. 29). Tal frase nos leva aos princípios básicos e que já descritos em Édipo, nos é resumido a ética do homem grego: honrar os deuses é um dever social do bom cidadão. Sim, honrar os deuses é o que todo homem bom, íntegro e correto deve fazer. Fazendo um paralelo com o homem judeu, Hipólito é a contraparte do bom adorador de Yahweh, daquele que segue os seus caminhos, que ouve os seus mandamentos e exalta os seus feitos grandiosos, que como nos diz o livro dos Salmos: Grande e poderoso é o nome do senhor.

As mulheres intercedem por Hipólito, elevando preces e pedindo para a grande deusa perdoar as tolices ditas pelo jovem. Dante de nós poderíamos colocar que a deusa deveria perdoar pois os deuses são mais sábios, mais justos, não se inclinam as misérias e covardias humanas. Por serem seres de superior entendimento e inteligência, além de seres imortais, poderia Afrodite não dá ouvidos as coisas ditas e praticadas pelo personagem, contudo os deuses gregos são dotados de sentimentos humanos, como o amor, a amargura, a piedade, o ódio, e destacamos um sentimento que se faz presente em vários mitos: o ciúme. Não são como o grande Deus dos hebreus, que é justo e não se deixa levar por paixões humanas. Os deuses gregos são seres como nós, que tem seus problemas apesar de suas atribuições, que choram e que se irritam. Esta é a natureza dos deuses gregos, que como diz Fernand Robert que esses seres divinos pudessem ser apenas humanos que foram divinizados, ou histórias que foram criadas não para espantar e fazer com que os seres mais elevados fossem melhores em suas ações, mas para aproximar a humanidade do divino.

Fedra ao concretizar em seu coração os planos de Afrodite, se coloca diante de uma realidade deveras assustadora para a sua posição de rainha: está apaixonada pelo príncipe e pretende se declarar e viver seu amor com Hipólito, contudo, o jovem vive na mais perfeita castidade e a renega, com o motivo de também ser esposa de seu pai. Para compreender os

³³A deusa Afrodite recebeu alguns nomes: Citere ou Citereia (Cytherea) e Cípria (Cypris) deriva do de dois locais de seu culto, que eram as ilhas de Citera e Chipre que reivindicavam como sendo o local de seu nascimento. Como consta na Teogonia de Hésiodo, após castrar o pai com uma foice, o titã Cronos jogou os órgãos no mar, e de sua espuma em uma concha nasceu a deusa Afrodite.

motivos que levaram a grande deusa Cípride a se mover contra o personagem principal, é necessário primeiro entender os domínios da deusa Afrodite. Walter Friederich Otto ao tentar descrever as origens dos deuses gregos, nos apresenta que essa deusa era uma estrangeira, fato esse comum entre os gregos, visto que o deus Dioniso também era estrangeiro, mais precisamente da região da Trácia. Ele coloca que Afrodite era uma deusa do Oriente, grande protetora da fertilidade e do amor dos babilônios, fenícios e outros povos e que aparece no livro de Jeremias como a rainha do céu “Os filhos ajuntam a lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres preparam a massa para fazerem tortas à rainha do céu; depois fazem libações a deuses estrangeiros para me ofenderem” (JEREMIAS, 7, 18). Em outra passagem do mesmo livro de Jeremias, é citado que depois de oferecerem sacrifícios para a deusa o povo pereceu. Após chegar a Grécia já na era pré-homérica, se estabelece plenamente e ganha características gregas passando a ter seu próprio mito e seus santuários.

Acontece a deusa algo comum aos mitos gregos: ela passa a compartilhar sensações e domínios com outros seres divinizados, sendo até mesmo colocada como filha ou irmã de deuses totalmente opostos aos seus poderes, como Otto cita que Epimênides que fez de Afrodite irmã das Moiras e das Erinias, entidades que apesar de serem comumente citadas como iguais, são diferentes em sua natureza cosmológica. O ponto que devemos nos atentar está no fato de não somente ser a deusa do amor, mais precisamente seu domínio era a o amor carnal, a união entre os seres resultante no ato sexual, o que Hipólito renega em honra a virgindade da deusa Ártemis. E tal poder sobre a união faz de Afrodite uma deusa de muitos nomes e dominações, como Afrodite Hetera que segundo Otto, Apolo a coloca como deusa dos laços de união entre amigos, sendo assim, os domínios de Afrodite se estende sobre todos os tipos de união, e entre todos os seres, inclusive sobre os deuses, pois embora casada, há inúmeros casos de traição com mortais e com seres divinos como o deus da guerra Ares.

Por tais motivos de renegação aos poderes da deusa Cípride, Hipólito decide conservar a sua pureza, tendo a filha de Leto como seu modelo mais sublime e precioso. Hipólito é o herói mal compreendido, pois sendo justo e íntegro, serve de exemplo sobre as libações. Para compreender melhor a história, nos atentaremos a sua Hybris principal e a de seu pai, o rei Teseu. Ambos, pai e filho sofrem por uma cegueira de amor, Hipólito pela deusa da caça e o rei por amor a Fedra. A história se passa dentro de um contexto familiar de mentiras e traição, terminando com a condenação do justo, sendo assim, poderíamos comparar o mito de Hipólito ao mito de José do Egito, descrito nos últimos capítulos do livro do Genesis, mais precisamente entre os capítulos 39 a 50.

José ao ser vendido pelos seus irmãos para mercadores chega posteriormente à casa de Potifar, um homem do alto escalão do faraó. Ao se destacar passa a cuidar da administração da casa e chama a atenção da esposa do seu senhor que pede a ela para que durma com ela, ora Fedra fará semelhante convite a Hipólito que assim como José irá recusar fazendo com que ela invente uma história de um suposto estupro. José não comete o pecado de se deitar com a esposa de seu senhor, e é colocado na prisão, já Hipólito será condenado ao exílio. Tanto o personagem de Eurípedes, como o personagem bíblico são modelos singulares de pureza e castidade, contudo em situações similares e diferentes ao mesmo tempo: aos olhos gregos renegar o amor de uma mulher é renegar a deusa e, portanto, uma Hybris gravíssima, aos olhos dos hebreus, o que José fez é bem-visto aos olhos de Deus.

Nos diálogos presentes na tragédia, devemos nos atentar ao de Fedra e de Nutris, onde passamos a acompanhar a paixão da esposa de Teseu e seu desespero. O coração de Fedra se acelera e sofre por cair de amores pelo jovem príncipe, e diante dessa paixão avassaladora, ela se desespera completamente por saber do desprezo que Hipólito tem pelas mulheres mortais. Ela se auto culpa por se desviar dos caminhos éticos e cair de amores por uma outra pessoa que não seja seu esposo:

FE: Pobre de mim! O que fiz eu? Onde me afastei do bom senso? Divo extravio pôs-me doida. Ai, desgraçada! Cobre-me de novo a cabeça, ama: envergonha-me o que disse. Cobre! Caem de meus olhos lágrimas e meu olhar fixa a vergonha. Dói manter correto bom senso e a loucura é um mal: melhor é morrer sem saber. (EURÍPEDES, 2010, p. 39).

Fedra entra em uma profunda depressão, que a faz cair em tristeza profunda e não se alimentar ficando fraca e deitada em seu leito. Prosseguindo o diálogo, Fedra manda que a Nutriz se cale quando o nome de Hipólito é mencionado “Tu me destrói, nutriz, e pelos deuses rogo-te: silencia sobre este homem!” (EURÍPEDES, 2010, p. 43), sendo assim a paixão pelo jovem é revelada e uma frase se torna o eixo central do diálogo” Cípride, ó triste menina cretense!” (EURÍPEDES, 2010, p. 47), onde novamente a deusa Afrodite é mencionada, como aquela que dispensa os amores e as paixões.

No longo discurso de Fedra, com a grande exaltação ao amor, uma declaração a deusa fica em evidência “Quando flui forte, é irresistível Cípride: Com doçura ela vai a quem consente, mas se acha alguém altivo e sobranceiro, nem imaginas como o suplicia” (EURÍPEDES, 2010, p. 53) o que nos leva a relacionar diretamente com a desmedida cometida pelo personagem principal. Hipólito ao escutar Fedra e suas servas e saber do amor da esposa de seu pai por ele, se dirige a Zeus e profere o discurso que eleva seu crime ao clímax da tragédia:

HI: Por que trouxeste à luz do sol mulheres, Zeus, fraudulentos males para os homens? Se querias gerar a raça humana, não deverias empregar mulheres: mas que os mortais pusessem em teus templos ou bronze ou ferro ou certa massa de ouro para comprar os germes de seus filhos, cada qual pelo preço apropriado e sem fêmeas viver em casas livres! [Mas agora, ao levar um mal ao lar, dilapidamos a riqueza da casa] é claro que a mulher é um grande mal; e que traz para casa o infausto ser folga em ornar ídolo vilíssimo com belo enfeite e lhe oferece peplos, coitados consumindo os bens da casa. [é inevitável: ou se liga a sogros bons e conserva tálamo pungente, ou tem bom leite, mas inúteis sogros e, por meio de um bem, abafa o mal.] é melhor ter em casa mulher nula, mas inútil em sua singileza. Odeio as sábias: que eu não tenha em casa mulher que pensa mais do que se deve! Nas sábias Cíprisgera mais baixaza, mas a mulher inepta de atos doidos se afasta por ter curta inteligência. Não deviam ter servas as mulheres: que com elas vivessem bestas mordazes, com as quais não poderiam falar, nem delas receber resposta! Mas dentro as torpes tecem planos torpes e as servas os transportam para fora. [para a nutriz] assim vieste tu, pessoa torpe ligar-me ao leito intacto de meu pai! Os ouvidos em águas fontanais lavarei: como torpe posso ser eu que, ao ouvi-lo, já me sinto impuro?! Mulher, minha piedade é o que te salva: se eu não tivesse, incauto, a deus jurado, não me absteria de a meu pai contá-lo. Mas vou partir, enquanto se ausentar Teseu, e mantereis silente a boca; mas, quando meu pai voltar, verei como o encararás tu – e tua dona! [Saboreio tua audácia e a saberei] morrei! Jamais me fartarei de odiar mulheres! Digam que o repito sempre, pois também elas sempre são abjetas. Ou alguém as ensine a ser sensatas ou me permita sempre espezinhá-las. (EURÍPEDES, 2010, p. 63 - 67).

Neste longo discurso, Hipólito coloca sobre as mulheres o fardo e causa dos males humanos, como se tudo o que houvesse de ruim no mundo fosse da prole das mulheres. Tal discurso incorre em mais uma Hybris, pois ao descrever que mulheres inteligentes são tolas, ele profere uma grave ofensa as divindades femininas, principalmente a deusa protetora de sua pátria: Athená. Sem uma análise histórica, essa fala poderia ser vista como um preconceito as mulheres, levando a sua natureza a ser diminuída a um grau totalmente insignificante, em que seria bom para a humanidade que fosse erradicada da face da terra. Fedra após esse discurso vai dizer que o destino das mulheres é desgraçado e um grande infortúnio, pois Hipólito diminui a natureza das mulheres ao ponto de não desejarcasar-se, ou ser amado. O personagem principal comete ao longo de suas palavras uma série de miasmas, que farão de Hipólito um personagem enigmático aos olhos dos gregos.

Fedra então decidirá pela morte, e com sua partida ensinará a Hipólito a lição da prudência. A prudência é a virtude que norteia o sentido da peça e dos personagens, pois o protagonista que deveria seguir as ordens éticas decide por si mesmo ignorar o código grego de libações. A deusa Afrodite, ao colocar no coração de Fedra o desejo pela morte, motiva na esposa de Teseu um miasma, que é escolher a morte como solução para o problema do amor, mas também para ensinar a Hipólito a lição final “Eu hoje mesmo vou deixar a vida e alegrarei aquela que me arrasa, Cípride: amargo amor me vencerá. Mas ao morrer, vou me tornar um mal também para outro: não será soberbo diante dos males meus; vai partilhar minha doença e aprender a ser prudente.” (EURÍPEDES, 2010, p. 71). Zorrer Silva, em sua

tese de doutorado compara Fedra ao personagem Orestes, que após está em estado de surto, retoma a consciência, e não reconhece os seus atos. De fato, Fedra após seus surtos de amor, se impõe como vítima das artimanhas de Cípride “Por isso rompeu-lhe o imo torva doença de amores ímpios de Afrodite” (EURÍPEDES, 2010, p. 73). Orestes se diferencia de Fedra no sofrimento, pois ele mesmo não chora e quem sofre é Electra. A esposa de Teseu sofre pelo seu amado ao ponto de lágrimas molharem o rosto. Fedra estrangula-se com o laço, e põe fim ao seu sofrimento, ao mesmo tempo que inicia com sua partida o sofrimento de Hipólito e Teseu.

Com a morte de Fedra e chegada de Teseu, inicia-se a última parte da peça de Eurípedes, e que culminará com a trágica Moíra de Hipólito. Seu pai ao chegar no palácio, descobre o destino cruel de sua amada esposa “TE: Que dizes? Parece-me a esposa? Como? CO: Estrangulou-se com suspenso laço” (EURÍPEDES, 2010, p. 75). Teseu então se pergunta qual a causa que poderia ter levado sua esposa a escolher os laços da morte. Chorando a morte de sua esposa, Teseu vê em sua mão uma tábua com uma suposta confissão de Fedra, colocando que Hipólito tentou-a violentar, iniciando assim os eventos que levarão o personagem principal a morte:

TE: Ei! A tabuleta que da mão amada pende o que é? Trará notícias novas? Será que a pobre me escreveu mensagem com rogos sobre o tálamo e meus filhos? Coragem, infeliz! Mulher nenhuma há de adentrar o leito e o paço meus! Eis que a marca do engaste auriforjado da que não mais existe me entenece: vou desatar os fios do selo e ver o que me quer dizer a tabuleta.

[abre a tabuletae começa a lê-la]

CO: Ai, ai, eis que deus introduz novo mal na série! Diante dos fatos caiba-me invivível fado de vida! Pois digo que acabou e não existe mais, ai ai, a casa dos senhores meus! [Deus, não prostres a casa, se é possível, e ouve-me as preces: pois como um profeta diante de algo, entrevejo mau presságio.]

TE: Ai! Outro mal além daquele mal, [nem suportável nem dizível! Ai!]

CO: Que foi? Diz, se se pode a mim dizê-lo!

TE: A tabuleta clama, clama horrores! Onde fugir do peso dos males? Pereço aniquilado: tal canto vi, miserável, a toar nas letras!

CO: Revelas prelúdios de males nas falas.

TE: Não mais reterei nas portas da boca este empérvio tétrico mal. Ó cidade! Ousou tocar meu leito à força Hipólito, desonrando o sagrado olhar de Zeus. Três maldições me prometestes outrora, pai Posídon; com uma delas mata meu filho: que não passe deste dia, se me outorgastes maldições seguras!

CO: Reis, retira esta praga, pelos deuses: conhecerás depois teu erro. Escuta-me!

TE: Impossível. E mais; vou desterrá-lo e há de atingi-lo um destes dois destinos: pois ou Posídon vai mandá-lo morto ao Hades, respeitando minha praga, ou vagabundo de esta terra, sorverá triste vida no estrangeiro.

CO: Mas a propósito eis teu filho Hipólito, o próprio: afrouxa a raiva reles, rei, e decide o melhor para teu lar. (EURÍPEDES, 2010, p. 81-82)

Após um breve diálogo, em que Teseu ignora o seu filho culpando-o amargamente pela morte de sua esposa, chama Hipólito de falso e acaba por dizer que seu filho é uma farsa “Tu és casto e imaculado?” (EURÍPEDES, 2010, p. 85) falando que pessoas como Hipólito que

passam por bonzinhos deveriam ser evitadas. O coração de Teseu estava tão cheio de amargura e dor que não reconhece a inocência de seu filho quando ele tenta se defender das falsas acusações deixadas por Fedra no leito de morte. Teseu chega até mesmo a dizer que odeio o rosto de seu filho, banindo-o até os limites humanos. Hipólito cumpre o julgamento de seu pai e parte para o banimento, porém seu carro assim como na profecia bate nos rochedos. Teseu ao saber fica feliz, mas sua hybris de acreditar na mensagem de sua mulher, leva a própria deusa Ártemis aparecer e revelar os planos de Afrodite, fazendo com que Hipólito gravemente ferido seja trazido a presença de seu pai, onde os dois se reconciliam e o jovem morre. Hipólito antes de morrer tem um diálogo com a deusa Ártemis, onde ela diz a ele que mesmo sendo um homem integro e correto, ele errou sobre ao honrá-la mais em vez de Afrodite, o que faz com que seu destino seja a morte.

Podemos comparar esta peça a noção judaica de pecado: Hipólito não viola nenhum crime, nenhum limite, apenas de abstém dos prazeres carnis, isso no judaísmo é aceito, pois fugir das tentações humanas é o propósito de uma vida com Deus, mas na prática grega isso é ruim, é uma desmedida contra Afrodite a deusa do amor e do prazer. Cada deus exercia seu poder sobre algo; então tudo o que há é regido por uma divindade. O sexo é, portanto, algo divino para os gregos e ao rejeitá-lo, Hipólito incorria em falta grave. Fedra se torna assim, o instrumento de vingança de Afrodite diante das insolências de Hipólito. Nesta peça então, a hybris é o elemento centralizador da trama que envolve honras, amor, vingança e reconciliação.

3.3 Electra e sua sucessão de miasmas.

Electra de Eurípedes, é uma tragédia que nos apresenta dilemas familiares. Suas constantes Hybris, decorrem de escolhas e sentimentos ruins que os personagens tiveram que passar ao longo do seu mito. Envolve amor e traição, injustiça e punição e nela temos a presença das Erínias, entidades responsáveis por punir os malfeitores, que cometeram crimes terríveis. A figura central da peça é Electra, filha do rei Agamêmnon que junto com seu irmão Orestes planeja e executa o assassinato de sua mãe, a rainha Clitemnestra. Encenada em meados de 410 a.C, encena uma família unida pelo sentimento de vingança, que quer a todo custo fazer com que os infortúnios caem sobre aqueles que lhe tiraram tudo. Se passa na já mencionada nesse texto, Idade dos Heróis, onde os grandes chefes do povo grego se destacaram em suas campanhas militares como Odisseu (Ulisses na versão latina), Aquiles e Agamêmnon. A primeira Hybris que a tragédia apresenta é o assassinato do rei, motivado por uma vingança pelo sacrifício de Efigênia. Assim podemos ver que toda a história é motivada

por fatos do passado, por erros cometidos durante os eventos mencionados por Homero na *Ilíada*. Percebemos aqui a presença da mitologia, e mais precisamente da tradição oral ao apresentar um personagem que era visto como o mais nobre entre os gregos.

Na primeira parte do texto observamos uma apresentação dos acontecimentos que motivaram a rainha e Egisto a cometerem o assassinato do rei, e posteriormente a banir Orestes e entregar Electra a um homem sem estirpe:

O TRABALHADOR: Ó veneranda Argos, da terra por onde corre o Ínaco, e de onde, outrora comandando mil navios de guerra, até as plagas de Tróia velejou o rei Agamêmnon! Tendo vencido a Príamo, que reinava sobre a terra ilíada, ele retornou a Argos, deixando em ruínas a cidade ilustre de Dárdano; e depositou nos altos templos numerosos despojos daqueles bárbaros. Foi feliz, lá na Ásia, sim! - mas, aqui, de regresso ao lar, pereceu vítima da astúcia de sua esposa Clitemnestra, e sob o golpe de Egisto, filho de Tiestes. Pereceu o detentor do centro antigo de Tântalo; e é Egisto quem manda agora nesta terra, e possui a Tindaris, esposa do Atrida. Este deixara em sua casa, ao partir para Tróia, seu filho Orestes e sua filha Electra. Um velho, que fora mestre do pai, conseguiu levar consigo Orestes, quando Egisto ia matá-lo; e confiou-o, na terra de Focéia, a Estrófilo, para que o criasse; mas a jovem Electra permaneceu no lar paterno. Logo que atingiu a puberdade, os mais ilustres helenos pediram-lhe a mão; mas o usurpador, receando que do consórcio da princesa com um árgio eminente nascesse um descendente que vingasse um dia a morte de Agamêmnon, preferiu conservá-la solteira. Mesmo assim, temendo sua união, em segredo, com algum homem ilustre, resolveu sacrificá-la; mas sua mãe, embora cruel, salvo-a das mãos de Egisto. Com efeito, ela tivera razão para sacrificar seu primeiro marido; mas temia atrair para si o ódio geral com a morte dos filhos. Eis por que Egisto urdiu um plano: exilado o filho de Agamêmnon, como estava, ele prometeu avultado prêmio a quem o matasse; e a mim, que descendo de pais micênios, me deu Electra por esposa. Em rigor, não mereço censura, visto que sou oriundo de família ilustre; mas sou pobre, e minha alta hierarquia está prejudicada pela pobreza... É certo que, dando-a a um homem humilde, nada tem a temer, ao passo que se a unisse a um esposo nobre, arriscar-se-ia a ver lembrado o assassinio de Agamêmnon, e a sofrer, um dia, o merecido castigo. Mas nunca – que o diga a deusa Vênus! - nunca manchei o leito de Electra; ela continua virgem! Com efeito seria odioso, para mim, violentar uma jovem, filha de gente ilustre, e a quem eu não queria esposar. Lamento, porém, que o infortunado Orestes, meu parente apenas de nome, se algum dia voltar a Argos, venha a saber deste infeliz casamento de sua irmã. E se alguém me considerar insensato, porque recebi uma jovem como esposa, e a conservo intacta, saiba que insensato será quem assim pensa. (EURÍPEDES, 2005, p. 5-7)

Analisando cuidadosamente essa fala do trabalhador, marido de Electra e que como ele sem chama, pobre e indigno esposo, observamos um comportamento anormal a ética grega. Durante a história antiga, e é algo inerente a várias culturas, o casamento se dá na consumação, que é o ato sexual. Electra e seu marido não consumam, por achar ele que era indigno de estar com uma jovem filha de um grande rei. Toda a ideia do casamento, que serviu para apagar a memória do rei Agamêmnon, e sua linhagem, visto que Orestes estava exilado, fazia de Egisto o governante perfeito. Observamos então uma sucessão de *Hybris*, em sua maioria com a presença da morte como o elemento final, a moira dos personagens. De fato, a morte será a grande protagonista desta tragédia. As ações dos personagens irão girar em torno da morte, tanto da rainha, como de seus filhos. Clitemnestra casa sua filha, pois sua

desmedida é um fardo grande demais para ser carregado, e se colocasse o sangue de seus filhos, as consequências para tais atos seriam catastróficos.

A tragédia *Electra* se concentra em dramas familiares, conta a história de uma família desmembrada e assombrada por mortes, e exílios, busca pelo poder e medo de deixar o trono. Podemos assim colocar esta obra ao lado de *Édipo* e *Hipólito*, comparando que o passado dos personagens é de uma idade histórica e lendária onde filhos de deuses governavam a terra dos helenos. *Édipo* descende de Cadmo, lendário fundador de Tebas; *Hipólito* é filho de Teseu, um dos mais nobres heróis da mitologia e *Electra* filha de Agamêmnon, o grande rei dos helenos na Guerra de Tróia. Nesta obra Eurípedes mistura mitologia com a fragmentada sociedade que vive dilemas bons e ruins, com uma ética pautada na adoração, mas também com intensas lutas pelo governo, sempre aristocrático e com respaldo de um passado de glórias.

Tal tragédia nos coloca diante de uma forma de reflexão que se firma em uma pergunta que poderia ser simples, mas que é ao mesmo tempo complexa: o que levou os personagens a pensar e agir de forma tão irracional, levados por uma vingança que trouxe alívio e desgraça ao mesmo tempo? Seria conveniente para uma pessoa ao lê-la dizer que é o sentimento de raiva e vingança que fez com que o matricídio, que é o clímax, o ápice da tragédia ser cometido, contudo devemos nos deter aos fatos que levaram a esta atitude drástica. *Electra* tem raiva da mãe pelas suas atitudes e ações; *Orestes* ao mesmo sentimento de sua irmã, acrescenta o fato de ter sido exilado de Argos, além de ser perseguido para que não pudesse assumir o trono. *Clitemnestra* se sente culpada por suas ações e pensamentos para com que seus filhos, mas, não demonstra remorso pelo assassinato de seu marido. *Egisto* assim como a rainha viúva, não sente remorso, contudo sente medo dos filhos do rei falecido tramarem contra ele. São vários os pensamentos que rodeiam a mente dos personagens, levando-os a profundas reflexões sobre suas ações, e no fim a um estado de perseguição divina.

Eurípedes em *Electra*, compartilha de um mito que também foi retratado por *Ésquilo*, mas que este último desenvolve sua escrita, mais centrada na figura de *Orestes*. Nos deteremos nas duas figuras principais (os protagonistas) e nas duas figuras secundárias de maior relevância (os antagonistas). Esses quatro personagens ditam o curso da história, conforme suas ações, palavras e pensamentos, levando os espectadores a se atentarem nos mínimos detalhes das cenas que compõe a tragédia. Logo após a fala do trabalhador, que como citado acima, faz um resumo dos acontecimentos, *Electra* expõe sua miserável condição de princesa expulsa e estranha a casa real de Argos. O primeiro ponto a ser analisado é a

relação de Electra com seu marido, que a mantendo virgem conservou-a por achar-se indigno de tão nobre esposa. O casamento na Grécia era algo sagrado, regido pela deusa Hera, esposa de Zeus e protetora dos lares, e que assim como nas histórias judaicas, deveria ser consumado com o ato sexual regido pela deusa Afrodite. Electra considera seu marido um grande amigo, e ela querendo auxiliá-lo nos afazeres domésticos cumpre o seu papel de esposa.

A peça intercalar-se entre as falas de Electra e de seu irmão. Orestes após sua irmã e “cunhado” (nota de rodapé) aparece exaltando a figura de Pílates, que ele o chama carinhosa mente de “O mais fiel entre os amigos” (EURÍPEDES, 2005, p. 8), pois não saiu em nenhum momento do seu lado, e mais adiante profere algo que expõe a presença dos deuses no crime que será praticado; Orestes diz que uma divindade, confiou-lhe a palavra de que ele teria a sua vingança contra os assassinos de seu pai, mas primeiro seu desejo de encontrar sua irmã, leve-lhe a primeira Hybris do nosso herói que é planejar com Electra a morte dos seus inimigos “Quero combinar com ela a vingança” (EURÍPEDES, 2005, p. 9). Ora matar é uma ofensa grave a ética grega, pois impedia o seu inimigo de morrer em glória e assim ser lembrado e ser perpetuado. A morte vista em campo de batalha, é algo totalmente diferente da morte por vingança. A Kleos³⁴ viria pela valorização do guerreiro para dá a sua vida, morria como um salvador para seus compatriotas. O assassinato por vingança só revelaria a sujeira do coração humano, a podridão em suas vidas. Seria algo de muito grave matar por vingança, e que levaria a pessoa a ter grandes alucinações causadas pelas Erínias.

Electra chora o seu destino, sua infelicidade, a desgraça com a qual o destino lhe colocou. Pede a Júpiter (Nome latino de Zeus) que possa lhe auxiliar na vingança contra sua mãe. Sofre pela ausência do irmão, que fugindo a deixou-a mercê de seus inimigos. Os sacrifícios já não são mais atrativos para ela, e sua única esperança de dias melhores é ver seu amado irmão chegando para junto de si, e seus inimigos sofrendo os castigos por tão grande desmedida. Electra jaz nas sombras da tristeza e já não tem fé no julgamento das divindades. Sua consciência, não lhe permite clamar aos deuses por dizer que eles não escutam uma mísera criatura, que junto do pai no passado ofereceu sacrifícios e libações e que está fadada a viver assim, enquanto sua progenitora vive ao lado do usurpador do trono de seu pai. O coro diz que Helena é grande causadora das desgraças que levaram a família de Agamêmnon até aquele momento de dor e sofrimento. Cabe aqui ressaltar novamente a presença dos poemas Homéricos na história, e de assim reafirmar a presença da mitologia como elemento fundamental e primordial das tragédias gregas. Electra é somente mais uma, entre tantos e

³⁴Conceito de glória imortal. Era a principal virtude buscada, sobretudo na hora das batalhas.

tantos mitos que foram transformados ou reeditados em peças para a alegria e diversão dos cidadãos durante as festas em honra aos deuses.

Após seus breves lamentos, Electra reencontra seu irmão, sem saber que é o mesmo, que se passa por um mensageiro de si próprio trazendo informações de como ele deveria estar. Orestes se diz um desterrado, e tal figura era motivo de ódio e repúdio entre as cidades, pois significava que aquela pessoa teria cometido graves crimes de traição contra a sua pátria. Fazendo um paralelo com Hipólito, era o que Teseu desejava ao seu filho: se ele não morresse, que fosse tratado como desterrado e alvo de críticas e abominação pelas cidades da Hélade. Orestes observa a forma atual de sua irmã: exilada vivendo no campo, e casada com um homem de baixa estirpe, mas que assim mesmo a respeita e que jamais a tinha tocado no leito. Electra diz ao seu irmão disfarçado que caso ele voltasse, seria para resolver as coisas que aconteceram e que chegaram a uma desonra extrema (Ignomínia). E que tal desonra seria resolvida com a mesma audácia como que seu pai foi vitimado: com a morte. Sendo assim, Electra se junta ao seu irmão, nesta Hybris motivada por vingança, também dando o seu total apoio ao matricídio que será cometido.

No discurso de Electra pós o seu diálogo com o forasteiro, ela faz um apanhado das ações e mostra mais uma desmedida cometida pelos personagens: o túmulo de seu pai nunca recebeu libações, e sua fogueira nunca teve oferendas. Honrar os mortos, era algo de grande valentia, e Agamêmom, acabou por ser esquecido, uma vez que sua sepultura era comum, não a de um grande rei, que por sinal é ultrajado pelo seu sucessor e que ostenta a coroa que um dia foi dele. Orestes profere uma fala um tanto enigmática ao conhecer o marido de Electra. Ele o saúda, mas diz que é estranho o homem não se orgulhar de seus antepassados, apesar de reconhecer as virtudes que o cercam. Aceitando a hospitalidade, algo que todo bom cidadão que se preza deve fazer, observa às atitudes, os gestos, as palavras, o lugar e até mesmo se questiona internamente, por qual razão o homem com que sua irmã casou não maculou o seu leito. Electra pede ao seu marido que vá chamar o velho administrador de seu pai, que tão logo reconhece no estrangeiro a figura de Orestes, pois foi criado por ele:

O velho: Ó Electra, minha respeitável senhora, dá graças aos deuses!

ELECTRA: Por alguma coisa presente, ou futura?

O velho: Por que acaba de receber uma dádiva que um deus propício te envia.

ELECTRA: Pois seja! Invoquemos os nunes! Mas... que queres dizer com isso, bom velho? (EURÍPEDES, 2005, p. 38)

Electra se alegra ao reconhecer e rever seu irmão tão querido e há muito tempo desaparecido, e que seria o seu vingador (EURÍPEDES, 2005, p. 40) que levaria a cabo a justiça, fazendo com que seu pai fosse vingado e o sangue de seus inimigos derramado. Sendo assim inicia-se o planejamento da vingança, com o velho dando as orientações sobre como consegui-la.

Egisto tinha tanto medo da volta de Orestes, que mantinha Argos altamente fortificada e, portanto, para conseguir a vingança, tudo deveria seguir uma ordem precisa de fatos e acontecimentos.

Entramos assim nos acontecimentos que levarão a primeira morte: o assassinato do rei Egisto. Orestes vai até o campo onde o rei está oferecendo sacrifícios, e em meio ao festim desfere um golpe certo que leva o rei a morte sendo coroado rei. Ao saber da morte de Egisto, Electra comemora, se trajando de belos ornamentos, e com louro querendo coroar a fronte de seu irmão vitorioso. Com a primeira morte sendo executada, a peça nos leva até o assassinato de Clitemnestra que cai em uma armadilha premeditada por Electra que diz que deu à luz e pede para sua mãe visitá-la. Orestes, porém, antes entra em uma profunda reflexão sobre matar ou não sua mãe, sua irmã, porém não tem dúvidas de que a morte para sua irmã irá coroar a vingança e por fim os infortúnios causados em suas vidas:

ORESTES: Que faremos agora, irmã? Daremos a morte a nossa mãe?

ELECTRA: Por acaso tens pena, ao vê-la?

ORESTES: Oh como poderei eu matar aquela a quem devo a vida e a nutrição?

ELECTRA: Exatamente como matou ela a quem foi teu pai, e também meu.

ORESTES: Ó Febo! Por que me ordenastes, pelo oráculo, a prática de um ato de tamanha loucura?

ELECTRA: Se Apolo se mostra insano, quem será então, o ajuizado?

ORESTES: Tu me disseste, irmã, que deveríamos ferir de morte a nossa mãe! Que impiedade!

ELECTRA: Que tens tu a recear, se vingas o assassinio de teu pai?

ORESTES: Serei culpado de matricídio... eu que nenhum crime até agora havia praticado!

ELECTRA: E se não vingares a morte de teu pai, não passarás de um infame!

ORESTES: Mas serei castigado, se a matar!

ELECTRA: Digno de punição tu serás, sim! Se deixares de vingar teu pai!
(EURÍPEDES, 2005, p. 64-65)

Orestes reconhece as punições que surgirão após levantar a mão contra sua mãe, porém é motivado por Electra, que a todo momento diz que tal ato é o correto a se fazer para vingar a morte de seu pai. Destacamos aqui, que tal Hybris assim como em Hipólito que foi expulso por seu pai com as pragas pedidas a Posídon, em Electra, Febo ordena que o crime aconteça. Sendo assim, a morte da rainha Clitemnestra foi profetizada pelo Oráculo, e cabe ao seu filho executar sob pena de ferir uma ordem dada por um deus.

Chega então o momento final de Clitemnestra e Electra, onde sua mãe revela o motivo pelo qual tramou e executou a morte do marido: O sacrifício de Efigênia, que retratada em outra obra (Efigênia em Áulis) seria o motivo da queda de Agamêmnon, além de trazer para o leito uma concubina. Clitemnestra, porém, traz à tona uma dura realidade presente na antiguidade, que uma mulher não poderia fazer o que convém, pois somente aos homens é dado esse direito. Tal ponto nos leva a se questionar, até que ponto a liberdade do homem levava as mulheres a uma dura realidade, de que seu papel era meramente reprodutor. Tal

noção perpassa não somente na Grécia, mas também no seu entorno, e nos povos antigos: ao home é lícito, manchar o leito conjugal, mas a mulher não. Electra, contudo, diz que sua mãe lhe causa vergonha, pois ela deveria se submeter ao seu marido em tudo, sendo assim, a irmã de Orestes representa a vontade feminina que se curva diante da vontade masculina.

Terminando o ato entre mãe e filha, acontece o matricídio. Pela mesma lâmina que vitimou Egisto, Clitemnestra também sucumbe. A vingança predita por Febo estava consumada, Orestes e Electra detinham em suas mãos o sangue de seus inimigos, o que os leva a se lamentar pelos atos que praticaram. Chega a hora do julgamento, e a sentença é dada. As conseqüências das Hybris, em sua maioria são terríveis, mas acabam em purificação, em Electra, porém, a punição recai sobre Orestes que é condenado a vagar sendo perseguido pelas Erínias que dia e noite irão lhe lembrar o crime que cometera e que aos olhos divinos é abominável:

Filho de Agamêmnon, escuta! Os Gêmeos, irmãos de tua mãe, os Dióscorus, Castor e Pólux, te falam. Depois de haver acalmado os mares tão perigosos aos navios, viemos a Argos, e assistimos ao assassinio de nossa irmã, tua mãe. Ela sofreu um castigo justo..., mas tu fizeste mal, Orestes; e Apolo... Apolo... oh! Ele é o nosso senhor, e nós nos calamos. Embora sábio, ele não te aconselhou com sabedoria: mas forçoso foi obedecer... Agora, urge que executes o que te ordena o Destino superior a Jupiter (nota de rodapé). Dá Electra como esposa a Pílades, que a levará consigo para sua casa; e tu deixarás Argos imediatamente. Não te é lícito viver nesta cidade, onde cometeste o assassinio de tua mãe. As Fúrias terríveis, deusas de olhos ferozes, perseguir-te-iam com o seu furor e terias que vaguear sem rumo. (EURÍPEDES, 2005, p. 81-82)

Orestes nesse mesmo ato é instruído a ir para Atenas, e diante de Palas se prostrar. Lá ele será julgado e o deus Apolo assumirá a culpa pelo crime cometido. No final desta peça, recai sobre o deus do Oráculo a culpa pelo matricídio, e Orestes é forçado a novamente se separar de sua irmã. Assim termina essa tragédia, manchada pelo sangue de reis e nobres, presenciada pelos deuses e atormentada pelo desejo de ódio dos corações. Assim é a Hybris, que aliada ao Destino desfere duros golpes aos corações dos heróis. Ora é pacificadora, ora agente de ódio puro; que pode ser de origem divina, ou pode brotar do coração humano. Tudo o que foi colocado retrata uma religião que não coloca seus deuses como seres distantes dos humanos.

4 AS NOÇÕES E SUAS COMPARAÇÕES

As noções de Pecado e Destino são as bases do que conhecemos hoje por noções cristãs. Elas derivam de uma troca de valores éticos, sociais e religiosos entre os povos do oriente antigo e em contato com o ocidente grego. É inegável a tese de que houve uma intensa troca cultural entre os gregos e os hebreus, que como sabemos é descrito em algumas partes das escrituras. Tal afirmação se sustenta nos conhecimentos adquiridos e passados pelas gerações, resultado das constantes rotas comerciais e troca de experiências, pelos quais como nas sagradas escrituras e nos mitos, vai estar presente em diversos povos com as suas mais variadas características.

Quando comparamos as noções apresentadas nesta monografia, chegamos à frente de um grande desafio de não cometer um anacronismo apresentando qual noção veio primeiro, e qual bebeu dessa fonte para produzir o seu próprio significado. Poderíamos dizer que os gregos, por termos mais dados seriam os primeiros a criar ideia de “blasfêmia” contra o sagrado, e que após contato, os hebreus (usaremos este termo) passaram a usar esta “noção” grega em sua própria forma de se conectar com o sagrado, contudo nos deteremos a analisar as noções separadamente e após comparar os seus significados. O fato é que tais noções, perpassadas através de textos escritos, mas, sobretudo pela tradição oral através dos séculos, moldou a história e a enriqueceu de novos acontecimentos, que narrados nos mostram um mundo jamais visto ou contemplado, mas que existiu em alguma era do passado, ou ainda irá por vir no futuro.

A literatura rabínica se utiliza da Talmud para ao lado da Torá, moldar a sociedade a base da vontade de Deus. Junto com a Talmud, temos a lei mosaica, com o código de ética usado pelos hebreus para compor a sua sociedade. A lei mosaica, derivada dos dez mandamentos recebidos pelo profeta Moisés no alto do monte Sinai e que está descrito no livro do Êxodo, capítulo 20, versículos 1 a 17, era composta por uma série de 613 proibições, instruções e ordens. Sobre o Pecado, todo o conjunto do Decálogo, tratará sobre as maiores proibições que é o culto a outros deuses e o uso de imagens pelo povo de Israel. Diferenciando-se do código grego, a lei mosaica ainda está em vigor, usada pelos judeus da atualidade. O Pecado é uma das noções mais analisadas ao longo da história, com grandes teólogos, filósofos e estudiosos se detendo em cima para tentar traçar uma resposta mais clara sobre esta noção, que ao lado do conceito de Destino, impõe questionamentos ainda hoje para a ciência. Qual seria mais especificamente o conceito de Pecado e Destino para os judeus? Tal pergunta se volta para as sagradas escrituras para obter resposta.

Ao tratar sobre o Pecado no judaísmo Deus coloca as regras que devem ser seguidas por meio das escrituras. O homem que as seguir e obedecer terá a felicidade eterna que resulta do Destino já traçado por Deus. O Pecado enquanto transgressão se assemelha a Hybris, por ser um meio de ofender aquilo que é sagrado, mas se diferencia, pois enquanto uma Hybris pode ser ofensa contra um deus, mas domínio de outro, o Pecado é sempre ofensa contra um deus que tudo criou, governa e que não aceita que o homem, lhe desobedeça sem antes saber de sua punição. Em Genesis, o pecado entra por Adão e Eva, e continua por seus filhos com o assassinato de Caim por Abel, até as mais horrendas atrocidades consideradas erradas pelos olhos de Deus.

Sendo assim, o Pecado que é um erro totalmente humano, entra na raiz da humanidade pelos primeiros seres criados a imagem e semelhança de Deus, mas que por algum motivo, apresentado na Torá como o fruto proibido³⁵, leva para todo o sempre a desobediência contra as ordens do senhor. Isto nos leva a uma reflexão, que se torna um paradoxo se comparamos a natureza do deus hebreu: Yahweh, que tudo sabe, governa e pode tudo, com os deuses gregos cujos poderes são separados por domínios, onde cada um governa uma parte do cosmos. Até onde as naturezas dos deuses influenciam nas suas desmedidas e nos seus destinos? Ou seria o homem, apenas um instrumento nas mãos de Deus, para mostrar o seu poder? As noções seriam então um modo dos deuses governarem os homens, com base no temor e no respeito?

4.1 As noções judaicas.

Pecado e destino no Judaísmo, estão nas mãos dos homens e nas de Deus. Nos homens se manifesta, a natureza pecaminosa, e hostil as coisas sagradas, já nas mãos de Deus se manifesta o destino, como já tudo pensado pronto para acontecer. O homem temendo seu destino triste e cruel pede piedade “Não leves em conta os pecados de minha mocidade, nem minhas transgressões, por tua bondade lembra-te sempre de mim” (BÍBLIA, Salmos,25, 7). Jeremias, um dos profetas do povo judeu em uma passagem chama a atenção do povo sobre a impureza causada pelo pecado “Todos juntos nos tornamos como coisa impura. Nossa justiça é como pano de menstruação. Nós todos murchamos como folhas secas, e nossos pecados nos arrastam como o vento” (BÍBLIA, Isaías, 64, 5a). O pecado faz com que o povo judeu se esqueça da aliança firmada por Deus e por Abraão, o que leva ao sofrimento do povo, por não ouvir e praticar as palavras do senhor. Nas escrituras encontramos os vocábulos relacionados

³⁵A imagem do fruto proibido como a maçã é totalmente alegórica. Não há nenhuma comprovação teológica de que fruto seria de uma macieira. Os pintores ao longo da história se atribuíram dessa alegoria para pintar a maçã, que já foi objeto para filmes, séries, pinturas, poemas e músicas.

ao pecado: Hartar:errar, tornar-se culpado; Heth: erro; Awon: iniquidade; e Pesha: transgressão e inflação. Sendo assim ao cometer o pecado o homem judeu rompe um relacionamento com Deus, tendo seguido pelo sentimento de morte perante a lei divina devendo, portanto, enfrentar as consequências do pecado.

Nos salmos, os reis Davi e Salomão, tidos como autores invocam muitas vezes a misericórdia de Deus, pedindo perdão pelas suas faltas, de fato, é perceptível que a noção judaica de Pecado se enraíza no cristianismo nascente que toma essas noções para si, atualizando-as ao longo dos séculos conforme avança a humanidade, mas, não se pode esquecer, que os primeiros dispensadores da vontade divina, tinham em seus corações e mentes, noções fortíssimas, passadas pelas tradições patriarcais. Já o destino, por ser algo que procede exclusivamente da vontade divina, não cabe ao homem procurá-lo, pelo contrário, o homem deve viver sua vida corretamente e deixar que o destino aconteça conforme os planos da divindade. Já não há um oráculo, mas profetas que através de sonhos recebem a mensagem divina e devem comunicar aos homens para que eles saibam do que vai acontecer.

O profeta Daniel enquanto cativo na Babilônia no reinado do rei Nabucodonosor recebe de Deus uma visão sobre o fim dos tempos na forma de reinos a serem destruídos, evidenciando assim que o destino divino é eliminar tudo aquilo que é ruim, e deixar somente aquilo que é bom. Novamente chamo atenção para o fato de que o homem não deve perguntar a Deus sobre o destino, pois somente a ele pertence essa pergunta e resposta. No livro dos provérbios é colocado que o homem sozinho, não tem controle sobre seus caminhos, somente Deus que os dirige conforme a sua vontade “É Deus quem dirige os passos do homem. Como poderia alguém compreender seu próprio caminho?” (BÍBLIA, Provérbios, 20, 24). Portanto, ao se analisar as noções de Pecado e Destino, têm que se compreender primeiro, o seu papel regularizador na sociedade. As escrituras funcionavam como agentes de conduta, indicando os caminhos e os meios para a vida. Já as tragédias mostravam o homem no fundo do seu ser emocional, levando o expectador a contemplar a si próprio nos personagens. Claramente os textos trágicos indicavam à sociedade as consequências de seus erros, já no Judaísmo, a tradição oral fazia esse papel.

O livro do Genesis, narra a criação do mundo, do paraíso (Éden) e do homem. Ele começa relatando que no princípio tudo foi criado por Deus, por meio de seu espírito. Ao longo do 3º capítulo observamos a figura da serpente (Que na tradição cristã será atribuída a Satanás) que induzirá a mulher (Eva) a comer o fruto da árvore do conhecimento, que fora colocada ao lado da árvore da vida no centro do jardim. Ao comê-la, a mulher e seu marido fogem da presença de Deus e após serem interrogados são expulsos do jardim. A ciência

teológica apresenta este fato como o nascimento do Pecado e da morte, pois o homem fora criado para a vida e ao desobedecer às ordens de Deus, escolheu a morte. É o que nos diz o Cristianismo sobre a origem do mal, que o homem carrega desde a sua concepção, pois a humanidade derivada do primeiro homem (Adão) já nasce com o Pecado Original, cometido pelos nossos primeiros pais. Para a noção judaica, este fato que narra a origem da desobediência contra Deus, está centrado em Adão. Mas adiante, temos o segundo fruto do pecado, que se torna o primeiro assassinato das sagradas escrituras: Caim que por ódio e inveja de seu irmão Abel, o mata e finge para Deus que nada tinha acontecido. A origem do Pecado está somente ligada a natureza humana, não tem participação da divindade. Para a literatura judaica, Deus não faz com que ninguém o desobedeça, mas, o homem procura meios de se sobressair sobre a vontade divina e comete as suas faltas, o que diferencia da Hybris, pois como analisamos em Hipólito, os deuses podem induzir as falhas dos homens.

Mas adiante no Genesis, Deus envia sobre a terra uma grande enchente afim de purificar a mesma, pois seus filhos estavam copulando com os filhos dos homens e corrompendo a sua criação. O pecado em forma de corrupção leva o senhor a adotar uma medida de *Karthasis* resultante na morte de sua criação “Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração. E disse Iahweh: “Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei... porque me arrependo de os ter feito” (BÍBLIA, Gênesis, 6, 7) o que acontece a quase como um todo, deixando apenas uma família (Noé) e um casal de cada espécie de animal. Deus se arrepende da criação do homem, e os faz desaparecer da face da terra, renovando assim a sua criação, começada nos primeiros capítulos, deixando um descendente de Adão, responsável por repovoar a terra, de pessoas boas e com o coração temente, livrando assim a humanidade do pecado, porém novamente após o dilúvio volta o homem a sua natureza pecadora com a maldição de Noé sobre Canaã, filho de Cam. Com a torre de Babel, o pecado atinge seu ápice na primeira parte do Genesis, quando ao tentar chegar à morada de Deus (céus), o senhor confunde a língua dos homens e os dispersa sobre a terra. Assim finda-se a origem do pecado e a tentativa de sua erradicação da humanidade.

Com Abraão, o pecado ganha um sentido de teste, pois ao levantar a mão contra Issac no monte Horeb, Deus sabe que o seu patriarca poderia ter feito um erro ao tentar lhe agradecer. O erro seria a morte, pois o próprio senhor capítulos antes dá a instrução de não levantar a mão contra o homem e derramar o seu sangue, pois ele seria cobrado no final posteriormente. Antes de Abraão oferecer Issac, temos dois fatos sobre o Pecado que merecem atenção: a destruição de Sodoma e Gomorra pelas blasfêmias cometidas contra o Senhor, e que após o

dilúvio é a primeira vez que a vontade de destruição de Deus aparece nas escrituras. Sodoma e Gomorra pelos seus pecados sofrem o destino de serem consumidas por chuvas de fogo e enxofre que resultam na completa devastação e morte de seus habitantes, e a mulher de Ló, um dos personagens dessa estória ao desobedecer a Deus olhando para trás se converte em uma estátua de Sal. O fruto do pecado é a morte, e sua distância da natureza divina. O pecador é aquele que querendo se afastar de Deus, comete as coisas que o senhor abomina, contudo, nem sempre o homem peca por querer ser como Deus ou ir para longe dele. O pecado poderia ser não intencional ou por curiosidade como foi a esposa de Ló.

O homem só morre porque pecou. Seu destino é a morada dos mortos, porque desobedeceu às ordens do Senhor. A natureza humana para qual foi criada era a vida, era está constantemente na presença do Senhor, porém seu lado humano leva a ir contra a divindade, a cometer os atos que abominam a vontade do ser todo poderoso. Assim como na Hybris, o Pecado afasta o homem de Deus e traz desgraças para sua vida, podendo até mesmo a cair sobre a sociedade em que está inserido, sendo necessária uma purificação para novamente está diante da divindade e assim ser perdoado. Nas tragédias nem sempre temos a presença da purificação, mas quando ela acontece, o homem morre em paz ou vive sua vida tranquila até que Tanatos venha buscá-lo. Nas escrituras, ao se arrepender de seus feitos, o homem passa a viver mais alegremente e é abençoado por Deus com dádivas que o farão entrar para a história, como aquele que temente ao Senhor foi abençoado e coberto de glórias.

O Destino do homem está nas mãos de Deus, como aquele que conhece o que acontecerá no futuro e dispensa as coisas conforme a sua vontade. A noção de Destino é algo para o Judaísmo, não cabe ao homem descrever ou prever. Não é da natureza humana saber o que acontecerá no futuro, ou nos fins dos tempos, pois a vontade de Deus pertence tudo o que aconteceu e acontecerá. Contudo, observamos as profecias, em sua maioria pragas que pela boca dos profetas, os homens de Deus, o senhor dispensa conforme o que havia planejado. Como que pelo sonho do faraó, e pela interpretação de José, Deus determina uma grande fome em toda a terra, ou que pela boca de Elias, o senhor faz com que não chova em Israel, resultando numa seca terrível, assim como no sonho de Daniel, e na sua interpretação das palavras na parede, as profecias são a forma judaica da noção de Destino se manifestar nas escrituras.

É tratado no capítulo 65 do livro do profeta Isaias sobre uma divindade chamada Meni³⁶, que se especula que era um deus do destino, na região de Canaã, pois se ofereciam

³⁶A Bíblia apresenta Meni como um deus estrangeiro do destino, que pode ou não ser da região Cananéia.

libações como pães e vinhos que levaram a Deus a falar pela boca do profeta da morte dos adoradores dos deuses falsos. Desse modo, o profeta Isaías, se tornou um dos principais nomes da literatura judaica com relação a profecias sobre o futuro do reino de Israel. Dentre as suas principais profecias sobre o destino estão as do Messias, como o seu nascimento e a profecia do servo sofredor que mais tarde, os padres da igreja primitiva irão interpretar como sendo profecias acerca de Jesus. Ao seu lado, destacamos o profeta Jeremias que ao falar sobre o Destino diz que o homem não tem inteligência para se autogovernar, de modo a não saber como gerir o seu futuro, devendo o homem acreditar no Senhor Deus, pois os planos do altíssimo são de glórias e abundancias “Sim, eu conheço os desígnios que formei a vosso respeito - oráculo de Iahweh - desígnios de paz e não de desgraça, para vou dar um futuro e uma esperança” (BÍBLIA, Jeremias, 29, 11).

Deus em seu poder quer que o destino do homem seja a vida, seja a esperança, seja a glória, mas o homem o rejeita e tenta firmar o seu próprio destino com base em sua experiência de vida, não levando em consideração as vontades do altíssimo. Para entender o conceito de destino, devemos nos atentar para outro conceito: o de livre arbítrio que seria a liberdade do homem em escolher seu próprio caminho entre o bem e o mal. Seria uma das dádivas dada por Deus aos seus filhos. Contudo o livre arbítrio se choca diante do princípio de que Deus é onisciente, e, portanto, sabe exatamente o que acontecer ao homem. “O Senhor é o verdadeiro e o único dono do cosmos. Pode fazer tudo. Pode aniquilar tudo. O seu poder é absoluto, e por isso a sua liberdade deixa de ter limites” (ELIADE, 2008, P.86). Não nos deteremos nesta discussão que está para além do alcance da história, mas se faz necessária para se entender o Destino dentro da perspectiva judaica. Sendo assim, o Destino está inserido como uma das principais vontades divinas, que mesmo com livre arbítrio está concentrado nas mãos do Senhor.

O Destino então se funde a noção de tempo, que por sua vez está novamente atrelado aos atributos de Deus, nesse caso a onipotência (aquele que pode tudo). Para Eliade, fica bem claro que no Judaísmo, o conceito de tempo tem começo e fim, sendo assim, Deus tudo criou e um dia tudo se findará “Para o Judaísmo, o tempo tem um começo e terá um fim. A ideia do tempo cíclico é ultrapassada. Jeová não se manifesta no tempo cósmico (como os deuses das outras religiões), mas num tempo histórico, que é irreversível” (ELIADE, 2018, p. 97). Deus não se manifesta em períodos ou a todo o momento, mas quando a realidade se torna necessária à sua presença.

Chega-se assim que o Destino presente na literatura judaica é tão somente uma vontade divina, um atributo de Deus que o dispensa através dos profetas em momentos

necessários, ou quando o seu povo eleito se volta a outros princípios que não são os seus. Quando o Pecado se mostra evidente, Deus envia palavras duras e fortes profecias, que resultam em pragas para mostrar novamente o seu poder e firmar sua autoridade sobre o seu povo. O Pecado é humano e o Destino é divino.

4.2 As noções gregas

Passamos então para a análise dos conceitos gregos de Hybris e Moira. Como percebemos ao longo dos capítulos, Hybris é o conceito de desmedida, ou falta cometida; e Moira é o conceito de destino, que provém de Moros o deus dispensador do destino dos homens e dos deuses que tudo governa e que há nenhum deus está submetido seu poder, sendo assim aquele cujo atributo está acima até do próprio Zeus. A Hybris está inserida na série de noções que perpassarão as tragédias gregas moldando-as a sua forma como conhecemos hoje em dia. Ela está presente nos mitos, nas estórias e na tradição oral e ao lado do Destino é responsável por tudo o que acontece aos heróis. Sendo assim, quando analisamos os enredos e os personagens, é a esta noção que devemos nos atentar para bem descrever e entender as ações que levaram os heróis ao seu fim seja ele trágico ou não.

Retomando a discussão de mito, que iniciamos no primeiro capítulo desta monografia voltaremos a este conjunto de história que moldaram os enredos que conhecemos. O mito está para além de uma história fictícia, mas retrata um passado de glórias em um tempo ab initio (ELIADE, 1979). A Hybris está para a mitologia, como o Pecado para as escrituras. É inegável que se separarmos esta noção da mitologia, ficaremos sem um dos pilares que sustentam a natureza divina nessas histórias, pois a consequência da Hybris em sua maioria provém dos deuses. Como uma transgressão dos limites humanos, esta noção seria vista como um desvio fortíssimo da realidade, uma ferida grave ao Métron. Seria o ultraje as ordens deixadas pelos deuses para o bom funcionamento da ordem cósmica. Seu aparecimento deveria ser erradicado, para que a sociedade não viesse a perecer.

A tragédia grega se mantém pelas histórias mitológicas, pois os deuses são em sua maioria a razão principal pelo qual essas narrativas foram criadas. Estamos diante de uma realidade pautada na adoração de seres cosmológicos que em sua sabedoria sobre humana (supõe-se que os deuses são sábios) mantém e governa o universo pautado em leis justas para todos. A Hybris aparece nas histórias mitológicas como anomalias que aos olhos humanos poderiam passar despercebidas, mas ao divino soam como graves acusações e que poderiam terminar em guerras e mortes. A mitologia é de suma importância para compreender de que forma essas noções perpassaram ao longo da história grega, e de como elas forjaram um

modelo que foi amplamente colocado em evidência nas peças retratadas nos festivais. De modo algum, deve-se reduzir a importância da mitologia para simples narrativas, como já evidenciamos nesta monografia, mas tal compreensão deve-se ao fato de que ao longo da história, poucas foram as vezes que essas noções foram discutidas pelo campo histórico, além de aparecerem escondidas nas pinturas e poemas.

A tragédia grega como fonte principal em que a Hybris e a Moira irão aparecer é um gênero literário que não deve ser confundido com a nossa noção atual de teatro. Ela nasce de uma razão divina e conta acontecimentos divinos (ROMILLY, 1999). Romilly vai colocar que os mitos que inspiraram as tragédias são carregados de horror, de sangue, incestos, e que afetam os laços entre os homens. São histórias que chocam a nossa percepção das sociedades antigas, como povos que não cometiam atrocidades (no imaginário popular). Representam uma sociedade que ao seu modo de vida, se auto representava e nessas representações se assustava com o que via e ouvia. Os heróis gregos que hoje são vistos em pinturas e em representações nos teatros pelo mundo, não eram de certo modo vistos como dignos de louvores em sua época, como observamos com Orestes que pelo seu matricídio, não deveria ser bem recebido em sua terra, ou a Hipólito que pela maldição de seu pai, deveria ser tratado como exilado pelas cidades quem passaria, se não houvesse morrido.

Romilly coloca que o erro (Hybris) poderia atrair outro erro e assim gerar uma teia de sucessivas Hybris conforme a vontade dos homens e dos deuses. Isso seria a causa da morte do rei Agamêmnon que por seu erro em oferecer sua filha, leva sua esposa a assassiná-lo, que por sua vez perece nas mãos de seus filhos que terminam com Orestes sendo perseguido pelas Erínias e Electra casada e longe de sua terra. Por sua vez, tudo isso acontecera porque foi premeditada pelo destino que aparece como um Daimon³⁷, um espírito ou divindade que exercia controle sobre as emoções, sentimentos e acontecimentos como a morte, o sono e o sonho. Romilly apresenta que a tragédia grega sempre aponta para forças sobrenaturais que regem a humanidade e o convívio social, além de mostrar aos expectadores que não somente os deuses, mas as forças divinas devem ser respeitadas, pois suas ordens poderiam ultrapassar a vontade dos deuses:

Em certo sentido, isso se justifica, pois é verdade que a tragédia grega não se cansa de apontar, além do homem, forças divinas ou abstratas que decidem seu destino, e decidem sem apelação. Pode tratar-se de Zeus soberano, ou dos deuses, ou ainda, empregando um termo belo, neutro e misterioso, do daimon, ou divino. Pode ser também o destino, a Moira, ou então a necessidade. (ROMILLY, 1999, p. 148)

³⁷Daimon seria a personificação dos sentimentos e acontecimentos humanos, como o Destino (Moros), a Morte (Tanatos), o Sonho (Morpheus) e o Sono (Hipnos). Seriam filhos de Nix, a noite como aponta Junito de Souza Brandão no livro *Mitologia Grega* (1986).

Sendo assim, a figura do daimon surge como agente transformador nas tragédias gregas. As Moiras eram daimons, filhas de Moros o senhor do destino e a elas cabiam tecer, cuidar e cortar o fio da vida, fazendo assim com que cada pessoa tivesse um fio que era cuidado por elas e no momento certo, era então mandado para o Hades. As figuras das Moiras se assemelham as Erínias como dispensadoras da ordem divina, com a diferença de que essas últimas deveriam punir os que cometeram graves crimes e eram passíveis de grande condenação.

Sendo assim, surge uma pergunta: A Hybris leva tão somente a mais perto do Destino, ou, poderia ela ser uma forma de se afastar daquilo que foi premeditado? Para essa resposta nos voltemos novamente para a tragédia de Édipo, mais especificamente para a hora que o oráculo revela o seu futuro de matar seu pai e se casar com sua mãe. O oráculo não revela a Édipo como aquilo aconteceria, mas diz somente que esse era o destino de Édipo, o que o leva a fugir, pois não queria que seus pais (adotivos) sofressem por sua causa. Na fuga acabou realizando a sua moira. Não somente em Édipo, mas também em Electra, quando Orestes diz que Apolo tinha assim determinado o que deveria acontecer, ele tenta fugir, mas sua irmã persuadindo-o o leva a cometer o assassinato. Comparando Orestes e Édipo, poderíamos colocar que os dois personagens não queriam executar seu destino, mas acabam por fazê-lo, contudo se diferenciam que um age por impulso e outro por vontade e vingança mesmo com remorso.

O herói ao cumprir o seu destino, aquilo que deveria acontecer tem sua chance de redenção, ou acaba perdido em seus erros trágicos. A Moira não somente acontece como dependendo da sua intensidade interfere nos destinos de outros personagens que podem ou não ter ligações com o herói trágico. Em Édipo em Colono, Tebas quer que seu rei volte, pois, a profecia diz que onde repousar o corpo Édipo, lá terá paz e prosperidade. Mas, Tebas não volta a ver o corpo de Édipo. Em Hipólito, a morte de Fedra gera sofrimento para Teseu que ao condenar o seu filho implica em pôr um fim ao destino de seu filho, contudo não era esse o que havia sido premeditado para Hipólito. Em Electra, a morte de seu pai lhe implica uma vida de dor e pobreza e trabalho, mas seu destino era está casada com seu primo. Isso mostra como uma vez alterado o curso do destino, poderia haver situações catastróficas ou anormais na vida das pessoas em volta dos personagens principais.

Hybris e Moira são duas noções faces de uma realidade fantasiada num modelo social de sofrimento, morte e dor. São noções que juntas revela um homem que pode ser forte por fora, mas está totalmente fragmentado por dentro, cansado das batalhas da vida, de lutar por causas que poderiam não ser suas, mas que foram colocadas pelos deuses. Os deuses como

dispensadores da ordem cósmica colocam em seus heróis, duros fardos pesados de carregar, que os levam a sofrer sobre o pretexto de erros que em sua maioria provém de sentimentos humanos, que os deuses não deveriam sentir³⁸.

4.3 Mitos, Moros e Deus.

O mito perpassa pelo destino, que aparece nas histórias como aquele responsável pela finalização dos acontecimentos aos heróis. Ao Destino cabe o poder de definir o futuro e cabe aos deuses, espíritos e seres mitológicos cumprirem o que foi determinado. Partindo dessa crença observamos que ao domínio do Destino, nem Zeus poderia se opor, pois isso levaria a desordem do universo, e assim aos caos. Moros na mitologia era filho de Nix, a personificação da noite. Está inserido na ordem divina de personificação dos seres que regula a atividade dos homens e dos deuses. É o daimon que mais possui domínios pois o Destino governa o futuro. A mitologia usa o destino para finalizar a vontade dos deuses, que muitas vezes impõe duras pragas e maldições na vida dos heróis. Entretanto não cabe aos deuses mudar acontecimentos que já foram premeditados, como acontece em alguns mitos. Os deuses não poderiam jamais infligir atos contra as moiras dos homens. Isso se faz presente nas paixões, e nas relações com os humanos, sejam eles seus filhos ou protegidos. Poderiam também os deuses serem culpados pelo destino, por alguma decisão pensada e executada por um mortal, mas que sua raiz foi o poder divino, como Orestes que tem seu crime assumido pelo deus Apolo, pois foi o mesmo que determinou que o matricídio acontecesse.

Cumprir o destino seria então a forma mais louvável de terminar o curso da vida, executando aquilo que fora anteriormente pensado para si. No Judaísmo seria então executar fielmente as ordens do Senhor, de modo que toda a sua trajetória terminaria na morada do altíssimo. Na Grécia, o resultado do destino seria a morte, que dependendo das circunstâncias, os levariam os campos Elíseos, ou ao Tártaro. Sendo assim, chegamos a uma ideia de resultado das ordens do Destino, deixando com que o homem pudesse se redimir ou não. Deus dá ao homem a escolha de seu destino. Na mitologia judaica, as passagens das sagradas escrituras mostram que mesmo sabendo o futuro, o homem experimenta tomar a decisão de seu próprio caminho. A ele é dada a oportunidade de mudar a sua vida, de caminhar nas ordens do senhor e assim morrer em paz. Ao homem grego, é necessário que ele se arrependa e se purifique para então ter a sua moira como algo benéfico.

³⁸A mitologia grega apresenta deuses antropomórficos, com sentimentos humanos e que se relacionam com humanos. Tal relacionamento deu origem a diversos heróis que são conhecidos como semideuses, como Herácles que em latim é Hercules, bem como o próprio Teseu. Havia até mesmo deuses que eram filhos de humanos com os seres divinos como o deus Dioniso, filho de Zeus e Alcmena.

Partindo desse princípio, devemos observar que a natureza dos mitos, não os coloca como histórias simplórias, com pouco ou nenhum significado. Os mitos nos revelam um mundo repleto de seres sobrenaturais, com forças que através de seus poderes, dão significado ao mundo e tudo o que nele existe. Criar explicações para os fenômenos da natureza é algo inerente a todas as civilizações que nos antecederam e até mesmo atualmente com as religiões politeístas que existem e tem seus fies, mesmo as religiões monoteístas como o Judaísmo atual que preserva as histórias bíblicas e crer nelas como verdade. Sendo assim, os mitos contam uma verdade, que por meio dos deuses dão sentido a natureza humana e a necessidade de se comunicar com o mundo sagrado. Eliade ao tentar elucidar os aspectos das histórias contidas nos mitos, coloca que a Mitologia revela uma sacralidade que é absoluta “Porque revela a atividade criadora dos deuses, desvenda a sacralidade da obra deles” (ELIADE, 1992, p. 86), por isso é próprio dos povos atribuírem feitos milagrosos aos deuses, que em sua maioria foram criados para refletir a humanidade.

Entre as principais comparações que podemos perceber entre os mitos gregos, judaicos e de certo modo, as mitologias em gerais está nas suas gênesis, onde elementos naturais como a água, e sobrenaturais como o caos, se fazem presentes e assim dão origem a todas as coisas. O destino é uma noção que na criação já está sendo pensada, pois para tudo tem um fim, e esse fim último já deve estar nos planos das divindades. Poderíamos colocar que Moros reflete uma parte de Deus. Como senhor do destino, sua função é guiar o plano cósmico para a sua boa execução, de modo a não ter erros e falhas. Deus guia a humanidade, e os seres por ele criados para ter um final repleto de paz e glória. Enquanto na Grécia, o Destino trabalha para que as moiras dos homens sejam cumpridas fielmente e no tempo certo, no Judaísmo, Deus determina todas as coisas conforme o seu conceito de tempo, que é diferente do tempo humano. Para poder compreender tais questões, nos atentaremos ao conceito de Tempo e Realidade.

Tempo e realidade, irão fazer dos mitos histórias sagradas. São noções que embora diferentes, se complementam entre si. Tempo é um deus, ou é parte de Deus; é Cronos, ou um aspecto da onipotência. Para os gregos, o tempo era regido por Cronos, titã pai dos principais deuses que compuseram o grande panteão da religiosidade grega (o conceito de religião é mais atual). Pai de Zeus, Hera, Hades e Poseidon, governava os deuses, quando foi destronado por seu filho. Sua personificação de tempo impusera medo, pois estava profetizando sua queda no poder. No Judaísmo, o conceito de tempo faz parte dos domínios de Deus, ele que é o senhor do tempo e da história, está acima de tudo e de todos. Comparando as duas noções, percebemos uma busca pela maneira de sacralizar o tempo, seja por meio das festas em

agradecimento pelas sementeiras e colheitas, seja pelos sacrifícios para apaziguar o que estava errado e oferecer libações em forma de purificação. Tal compreensão nos leva direto ao conceito de realidade. Realidade é o mundo visível, é que vivemos e nesse viver o presente caminhamos em busca do sagrado. A realidade se faz presente nos cultos, nas adorações, na forma como se vive e se caminha. Ao lado do tempo, a realidade dá sentido as funções humanas, a forma de viver e se relacionar. A realidade grega mostrada nas tragédias, é a sociedade que como tal, comete erros, acertos, se arrepende e se purifica. A realidade judaica, é aquela que seguindo as leis, se volta constantemente para Deus e como tal o louva e o bendiz. O tempo então se faz presente mais precisamente no mito do eterno retorno, que seria a recriação do mundo, uma nova realidade que conceberia uma nova noção de sociedade na esfera judaica.

O pecado, no mito do eterno retorno, em uma nova concepção de tempo e realidade deveria ser erradicado. Por ser uma ação que levava as pessoas aos erros e os impusera consequências desagradáveis, em uma nova realidade, não poderia existir. Para os gregos, o mito do eterno retorno e sua concepção levaria, a uma nova esfera da realidade cósmica, mas não a um novo conceito de tempo. Para os judeus, o mundo seria então criado novamente, não mais com erros ou falhas humanas, mas tudo pensado e executado pelo poder de Deus. As histórias cristãs se atribuem do conceito judaico de tempo, e da manifestação de Deus na história para pensar um mito do eterno retorno em que o mundo termina em uma guerra, e uma nova terra é criada feita daqueles que se purificaram, seguiram os mandamentos e, portanto, merecem estar junto a Deus. Segundo Campbell o Judaísmo apresenta que o mito do eterno retorno terá seu início no monte Sinai, onde serão ouvidos relâmpagos e trombetas, e a terra toda irá tremer com a voz de deus falando o decálogo. Seu fim último seria salvar os homens que foram fieis a Deus, identificados como a tribo dos levitas, que aqui assume o papel de tribo fiel às ordens divinas. Para os gregos, contudo, aniquilar a Hybris seria algo impensável, pois a realidade do tempo cósmico seria imutável. As mesmas coisas que aconteceram, irá voltar novamente: Édipo mataria seu pai e casaria com sua mãe; Hipólito seria condenado à morte por um crime que não cometeu e Electra e Orestes se voltaria contra os assassinos de seu pai. Nada mudaria, mas se sequenciaria em um ciclo infinito de repetições. Tal noção se deu pelos filósofos, que conceberam o tempo como circular e infinito.

Partindo dessa discussão de tempo e realidade, chegamos à conclusão de que o mito como história sagrada está totalmente inserido dentro de uma concepção de divindade. Ele não se separa da natureza divina, tão pouco está alheio as histórias dos homens, mas ser cerne

são os deuses. Moros e Deus, como senhores do destino dos homens, se inserem dentro de uma realidade, em que se faz extremamente necessário pensar em como será o futuro da humanidade. Os mitos sobre estes dois seres, relatam poderes especiais que ditam aos homens como proceder diante da realidade em que está inserido. Deus é o ser que por mais poderoso eu seja, ama a sua criação e quer o bem para ela como seu fim último. Moros está tão somente ligado ao universo e ao cosmos, que sua tarefa principal é fazer com que a ordem cósmica siga seu curso natural, interferindo ou não nas decisões dos deuses e dos homens, que ao poder do destino, nada podem fazer.

4.4 Mitologias e as noções.

As noções analisadas nesta monografia necessitam constantemente da mitologia para obter sentido, seja ela grega ou judaica. O respaldo mitológico é necessário para que tais noções possam ter caráter sagrado, e assim poderem ser objeto de discussão na sociedade. Sendo assim, a Hybris, a Moira, o Pecado e o Destino, se inserem no conjunto de crenças e saberes, que passados de forma oral pela mitologia, impuseram aos homens modelos de conduta e observância a serem seguidos. A oralidade que depois dá lugar as histórias escritas em muito contribuiu para a permanência no meio da sociedade dos ideais e da conduta, que levariam os homens as noções aqui analisadas. No Judaísmo, a lei oral foi convertida na Torá e depois na Talmud, que depois se tornou o mais importante livro, após o pentateuco, onde todas as leis foram convertidas e escrita.

O objetivo principal da Talmud era oferecer ao povo de Israel um espaço onde lendas, mitos e filosofias se encontrariam e assim facilitaria o entendimento sobre a conduta do povo de Deus. Derivada da lei mosaica, que compreende ao famoso Decálogo, e mais as séries de leis impostas que em sua maioria serviam como consequência do pecado, como o apedrejamento das mulheres pelo adultério, a Talmud era o caule da lei judaica centrada na raiz, a Torá. Cercada de tradição, ainda hoje é estudada e colocada em prática pelos judeus atuais, mas no passado se constituiu como uma das principais fontes de estudo sobre como os judeus lidavam com o passado. Aparecem indiretamente nas sagradas escrituras, sendo a fonte de muitos acontecimentos importantes para a história de Israel, como o nascimento de Davi, em que seu antepassado Boaz se casou com Rute, graças a uma lei centrada na Talmud: A mulher viúva deveria se casar com seu parente mais próximo. A lei deveria guiar os passos, e os pensamentos e junto com as grandes histórias da manifestação do poder de Deus fazer com que o culto e a adoração jamais fossem esquecidos.

Para compreender as raízes do pecado na mitologia, devemos novamente voltar ao livro do Gênesis, capítulo três, onde a serpente instrui a mulher a comer o fruto proibido. O fruto em questão dá a quem come o conhecimento do bem e do mal, e segundo a serpente faria com que o primeiro casal fosse como deuses. Depois de um breve diálogo, Deus sentenciar os envolvidos pondo uma maldição eterna, mudando assim o destino da humanidade, pois os tinha criado para a vida e agora os sentenciava à morte:

Então Iahweh Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras selvagens. Caminharás sobre teu ventre e comerás poeira todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.” À mulher ele disse: “Multiplicarei as dores de tua gravidez, na dor darás à luz filhos. Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará.” Ao homem, ele disse: “Porque escutastes a voz de tua mulher e comestes da árvore que eu te proibira comer, maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias de tua vida. Ele produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva dos campos. Com o suor de teu rosto comerás o pão até que retornes ao solo, pois dele foi tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás.” (GÊNESIS, 3, 14-19)

Sendo assim, observamos que o senhor Deus ao observar o pecado humano e suas consequências, impõe a toda a descendência de Adão e Eva, duras penas que a humanidade empobrecida carregará para todo o sempre. Adão e sua esposa expulsos do paraíso dão origem a uma sociedade que carrega um senso moral de que os primeiros humanos já ofenderam a Deus e, portanto, cabe aos homens evitar a cólera do senhor. Pecar na mitologia judaica é agir contra Deus, é não confiar em sua palavra e ir contra os seus mandamentos.

Para os gregos cometer a Hybris é alterar o fio da realidade divina, é ultrapassar uma barreira que foi criada para o bem comum de todos e o belo convívio com os deuses. A Hybris então é o limiar do erro, o fim último de algo que poderia ser evitado, mas que pela ganância humana é continuada até que as consequências sejam postas em prática. Retomando a história de Electra, percebemos que as Erínias como deusas vingativas tem certo ponto em comum com a história de Eva: a presença do feminino com agente transformador da realidade. Por Eva, Adão come o fruto e dão origem as dores humanas. Pelas Érinias, os homens são punidos cada qual pelo seu crime, até que seu sangue caia sobre a terra. Frederich Otto expõe a importância do feminino para compreender as divindades gregas nos sentimentos. Enquanto o homem dotado de virtude, cuida das artes da guerra, do céu, dos mares e do mundo inferior. A mulher cuida dos lares, dos sentimentos e das ações ligadas a um contexto mais dócil e calmo. Isso em parte reflete a decisão de Afrodite de pôr Hipólito à prova, e posteriormente fazendo com que ele seja condenado, ou de Antígona que traindo a decisão de Creonte sepultou seu irmão dignamente.

A Hybris impõe aos homens uma tarefa difícil de seguir as determinações do destino que poderia em tese levá-los a morte. Quem a comete é passível de desgraça, ou seu cometimento é a própria desgraça. Os deuses participantes do seu acontecimento não seriam julgados, mas poderiam assumir a culpa por tão grandes violações. Otto expõe o caso de Apolo que não somente determinou o assassinato de Clitemnestra, como no julgamento de Orestes assume a responsabilidade:

É Apolo o deus que aí se atreve não só a purificar o matricida como também, em nome de um direito superior, a defender, contra os tremendos clamores de vingança do sangue derramado, o ato por ele mesmo ordenado. Ele se incumbiu das purificações, e isto significa que reconhece lúgubre realidade, mas pode assinalar a libertação de seu anátema. (OTTO, 2005, p. 61)

Otto vai depois colocar que o próprio deus teve de se purificar após a morte do dragão deífico, que o deu lugar no oráculo. Isso nos revela que não somente ao homem, mas a Hybris como fator de desmedida se manifesta no divino, mesmo que seja em outra realidade. A Hýbris e a Moíras nas tragédias, se apresentam como os elementos centrais. Os tragediógrafos gregos lançaram inúmeras vezes mão sobre esse sentimento de desmedida em suas peças. A Hýbris grega das tragédias acontece um momento único de reflexão dos heróis trágicos que por sua vez podem ou não estarem ligados aos seus destinos.

Assim, nos voltamos a função primordial da mitologia que é de oferecer aos homens símbolos e ritos, que possa novamente dá sentidos as suas vidas. Campbell aponta para a direção mitológica de levar o homem sempre para frente, avançar enquanto ser social e religioso, levando sempre para ter conato com o sagrado. O herói para ele seria o homem ou a mulher, que alcançou virtudes altamente elevadas e, portanto, mereceu está diante da glória imortal e ser respeitado “O herói, por conseguinte, é o homem ou a mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e dos pensamentos humanos. (CAMPBELL, 1997, p. 13). Sendo assim, os erros dos heróis, suas Hybris vêm de seus pensamentos mais profundos, que podem ou não está associado aos desejos dos deuses.

Campbell coloca que é da natureza mitológica, revelar os caminhos sombrios que percorrem os enredos trágicos e da comédia (CAMPBELL, 1997) entre eles as noções de Hybris e Destino. Contudo uma vez que essas noções se fazem presentes, as histórias dos heróis sofrerão pontos altos e baixos. O herói enquanto personagem principal deverá sofrer para alcançar os anseios pelos quais buscou a vida toda, entretanto entra-se na meritocracia de que ele receberá conforme foi a sua conduta. Clitemnestra arma contra seu marido, e é

assassinada; Orestes arma contra sua mãe, e é perseguido pelas daimons. Édipo poderia ser o único personagem que não se encontra nesse patamar, pois suas ações foram motivadas pelo medo, desse modo é um herói que agiu sem pensar.

Assim como a Hybris, os deuses se manifestam na mitologia presente nos textos trágicos, através do seu poder ou dos seus sentimentos. Para Vernant os deuses gregos se definem conforme as suas redes de relacionamentos, sendo assim os seus santuários não somente se constroem em honra de uma divindade, mas em honra também dos deuses com os quais a divindade principal tem contato em seu mito (VERNANT, 2009, p. 30).

Ao contrário do deus judeu, que se apresenta na forma dos profetas, ou por meio de sinais como o fogo com Elias no monte Horeb diante dos profetas de Baal, ou posteriormente através de uma brisa suave. Deus manifesta o seu poder, mas não revela a sua face. Moisés pede para olhá-lo, mas o Senhor diz que um mortal não pode olhar a face divina sem ver a morte imediatamente. Nas histórias gregas olhamos e temos uma clara noção de como são os deuses. Afrodite se manifesta e fala com o coro, Apolo profetiza e assim sucessivamente. Observamos como os deuses gregos se manifestam na história, mas o deus hebreu jamais se viu a frente.

A Hybris e a Moira estão ligadas as naturezas divina e humana presente na humanidade. Divina, pois a Hybris se manifesta como o erro trágico que ofende os deuses, mas que por sua vez podem e brotam do coração deles; humano, pois o herói sempre a comete (a desmedida), mesmo que seja com um mandato divino. A Moira está ligada aos deuses, por proceder deles, mas sem o controle deles em alguns mitos; aos homens, pois são eles as maiores vítimas das atrocidades do destino.

Hybris e Moira, são duas noções que nas tragédias e nas históricas mitológicas, moldam a vontade dos seres divinos as ações dos homens, e que não cabe aos mesmos questioná-los. Já o Pecado é a ofensa a natureza divina que provém de Deus, e deve ser evitado em todos os momentos, pois leva o homem a se afastar da presença divina e, portanto, faz com que o homem morra distante do Senhor. O destino está em Deus, o Destino é o próprio Deus. O senhor tudo determina e cabe ao homem seguir em seus caminhos. Caso saia das linhas determinadas enfrentará as mais duras consequências, e no fim de último, após a morte será condenado a ficar por toda a eternidade longe do Altíssimo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tragédia grega então reatualiza os mitos, dando uma proximidade maior com a sociedade. O homem deve obedecer às leis divinas, observando suas entrelinhas para não ocorrer em desgraça moral e ética. A Hýbris torna-se então um processo de transgressão ao Metron na medida em que o herói é contrário às leis divinas, ou seja, ao seu destino. Sua Hýbris, portanto, é fugir daquilo que lhe foi determinado cometendo um erro, a partir de suas necessidades pessoais e coletivas. Com tudo, a Hýbris não vem somente dos homens, mas provém também dos deuses, por possuírem sensações e sentimentos humanos que resultam no sofrimento dos heróis.

Deve-se levar em consideração que os mitos não surgiram do acaso, mas foram resultados de um intenso processo de crescimento e evolução cultural, que tem nas tragédias gregas e nas sagradas escrituras o seu ápice. Grimal coloca que as tragédias tratam do ciclo dos heróis, centrada em sua idade histórica e que motivaram inúmeras peças, canções e poemas (GRIMAL, 1982, P. 65). Hýbris e a Moîras nas tragédias, se apresentam como os elementos centrais. Os tragediógrafos gregos lançaram inúmeras vezes mão sobre esse sentimento de desmedida em suas peças.

A Hýbris grega das tragédias, acontece em um momento único de reflexão dos heróis trágicos que por sua vez podem ou não estarem ligados aos seus destinos. O mundo humano, como profano busca no sagrado a sua essência divina e tem no mito sua fonte principal. A tragédia ao recorrer ao mito, recorre à religiosidade para colocar em suas páginas passagens que marcassem profundamente a sociedade. No povo judeu as escrituras que foram escritas devem colocar no homem uma consciência social de que tudo que ele possui é da vontade divina.

O Pecado por sua vez faz com que o homem saia da presença de Deus, levando-o a cometer ações terríveis que o impõe duras penas. Deus quer que o homem se afaste do pecado e tenha a vida em plenitude na justiça divina “O caminho dos perversos é a abominação ao senhor, mas ele ama aquele que segue a justiça” (BÍBLIA, Provérbios, 15, 9). Bottéro afirma que Deus criou o homem, mas que como suas exigências são acima de tudo pautadas no moralismo, os homens rapidamente o decepcionaram com o pecado (BOTTÉRO, 2011, p. 139) o que levou ao dilúvio. Pela torre de Babel novamente a decepção, o que resulta na escolha de um povo, que será o povo de Israel para si, mas mesmo escolhendo o seu povo o decepciona com o pecado.

Destino é o próprio Deus, que em seu poder dispõe daquilo que realmente a humanidade necessita para sobreviver. A mente humana, não está preparada entender os

desígnios de Deus, por isso o confronta cometendo aquilo que é ruim aos olhos do senhor. Sem Deus, seu poder e sua benevolência, o mundo não é somente um lugar de perdição centrado no pecado. O destino é estar em Deus, é viver com Deus.

Destacando o que foi apresentado nesta monografia, conseguimos identificar as noções de Hýbris e Moîra, nas tragédias bem como do Pecado e do Destino, nas sagradas escrituras. Contudo ainda temos lacunas a serem preenchidas. O estudo sobre as tragédias gregas ainda é escasso no Brasil, assim como a falta de profissionais nesta área. A antiguidade ainda está avançando nos seus estudos e percepções sobre as tragédias.

Os dados apresentados nesta monografia contribuem para o enriquecimento da área de História Antiga, em nossa universidade, uma vez que temos poucos historiadores dedicados a estudar temas, que englobam a antiguidade e suas ramificações. O teatro grego, ainda esconde entre seus atos, noções que pouco, ou quase nada são conhecidas pela história, e que cabe ao historiador de antiguidade, se debruçar ainda mais, buscando revelar entre seus escritos aquilo que ainda está oculto. Por fim evidencio a importância do estudo das tragédias gregas, como forma de apreensão de conhecimentos sobre a antiguidade, que ainda tem muita sabedoria e informações a nos conceder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, rev. e ampl. 17. imp. São Paulo: Paulus, 2022. 2208p.

EURÍPEDES: **Hipólito/Eurípedes**; tradução, introdução e notas: Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.

SOUZA, J. B. De Mello. **Electra / Eurípedes**. 2005. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/electra.pdf>. Acesso em 22 de março de 2023.

SÓFOCLES. **A Trilogia Tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona**. Rio de Janeiro: Zahar, 20 ed. 2019.

Bibliografia:

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Editora: Martin Claret, São Paulo, 2006.

BOTTÉRO, Jean. **No Começo Eram os Deuses**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1997.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: A essência das religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 4. ed. 2018.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

FINLEY, Moisés I. **Economia e Sociedade na Grécia Antiga**. Tradução: Marylene Pinto Michael: São Paulo, Ed: Martins Fontes, 1989.

GIGLIO, Auro Del. **Iniciação ao Talmud**. São Paulo: Editora & Livraria Sêfer, 2012.

GRIMAL, Pierre. **O Teatro Antigo**. Tradução: António M. Gomes da Silva; Lisboa, Ed: Edições 70, 2002.

GRIMAL, Pierre. **A Mitologia Grega**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PERINE, Marcelo. **Mito e filosofia**. *Philosophos-Revista de Filosofia*, v. 7, n. 2, 2002.

PIQUÉ, Jorge Ferro. **A tragédia grega e seu contexto**. Letras, Curitiba, Editora da UFPR n.49, p.201-219, 1998.

ROBERT, Fernand. **A religião grega**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

ROSSI, Andrea Lucia Dorini de Oliveira Carvalho. **Mitologia: abordagem metodológica para o Historiador da Antiguidade Clássica**. *História*, São Paulo, v 26, n. 1, p. 36-52, 2007.

SANTOS, Fabio Candido dos. **O problema da Hýbris na filosofia grega antiga.** Principia, Rio de Janeiro, n.39, p. 15-25, jul-dez, 2019.

SILVA, Fernando Crespim Zorrer da. **Os caminhos da paixão em Hipólito de Eurípides.** 2007. 304 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

STORNILOLO, Ivo. **Como ler o livro de Jó: o desafio da verdadeira religião.** Ed: Paulus, 7^o reimpressão. São Paulo, 2018.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga.** São Paulo: Martins fontes, 2019.

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. ROSA, Claudia Beltrão da. **Teatro Grego e Romano: História, Cultura e Sociedade.** São Luís: Café & Lápis; Ed. UEMA, 2015